

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS.  
CURSO DE HISTÓRIA

**LEONARDO AMAZONAS ARAÚJO SOUSA**

**A REPERCUSSÃO DO SUÍCIDIO DE GETÚLIO VARGAS NAS PÁGINAS DE *O COMBATE*: Uma abordagem do pleito de 1950 até o suicídio em 1954.**

São Luís

2017

**LEONARDO AMAZONAS ARAÚJO SOUSA**

**A REPERCUSSÃO DO SUÍCIDIO DE GETÚLIO VARGAS NAS PÁGINAS DE *O COMBATE*: Uma abordagem do pleito de 1950 até o suicídio em 1954.**

Monografia apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de graduação em licenciatura plena em História.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Monica Piccolo Almeida

São Luís

2017

Sousa, Leonardo Amazonas Araújo.  
O A Repercussão do suicídio de Getúlio Vargas nas páginas  
deCombate: uma abordagem do pleito de 1950 até o suicídio em 1954.  
/ Leonardo Amazonas Araújo Sousa. – São Luís, 2017.

... 56f;

Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade  
Estadual do Maranhão, 2017.

Orientador: Profa. Dra. Monica Piccolo Almeida

1. Imprensa. 2. Política. 3. Getúlio Vargas. I. Título

CDU: 323: 070(81)

**LEONARDO AMAZONAS ARAÚJO SOUSA**

**A REPERCUSSÃO DO SUÍCIDIO DE VARGAS NAS PÁGINAS DE *O COMBATE*:**

Uma abordagem do pleito de 1950 até o suicídio em 1954.

Monografia apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de graduação em licenciatura plena em História.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Monica Piccolo Almeida  
Orientadora

---

Examinador 1

---

Examinador 2

A Deus todo poderoso e a minha família pelo incentivo e suporte necessário para que eu chegasse até o meu objetivo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e todos os meus familiares e amigos, peças fundamentais para que eu chegasse ao meu objetivo.

Agradeço a minha mãe Maria Célia que me ensinou desde pequeno a ter gosto pela leitura, e pela educação que me deu e por confiar sempre em mim.

Não posso deixar de agradecer aos meus avós que foram fundamentais na minha formação como pessoa, me educaram da melhor forma que puderam, agradeço também aos meu tios e primos.

Ao meu irmão Hugo Moisés ao qual nutro carinho de pai, sempre interessado em saber o que eu estudo e em saber como é a vida de um estudante.

Agradeço de coração a minha orientadora Monica Piccolo pela confiança e por acreditar na minha pesquisa, agradeço ainda a todos os professores da Uema, principalmente a aqueles que sou mais próximo.

Não posso esquecer os meus companheiros de sala de aula, Jordana Silva, Verônica Siqueira, Francisco, Pedro Lopes, amigos que espero levar para a vida toda.

Agradeço também a Lauisa e Regiane bibliotecários que sempre que precisei me tiraram as dúvidas.

Meu muito obrigado ao meu companheiro e namorado Luiz Carvalho que sempre está do meu lado nas minhas decisões e escolhas e principalmente por confiar em mim.

Agradeço ainda a todos que me ofereceram oportunidades de trabalho, ponto fundamental para que eu pudesse me manter dentro da universidade, Bárbara Rocha e Museu Casa de Nhozinho.

A minha amiga Elis Jane, Marta Lúcia, Letícia Souza e Mateus Costa.

A todas as pessoas que de alguma forma foram importantes para mim durante esse período, mesmo que não mencionados por nome, fica aqui o meu muito obrigado.

*“Agora vos ofereço a minha morte. Nadareceio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História”.*

Getúlio Vargas

## RESUMO

A história política nacional vem sendo escrita através da Imprensa desde a sua implantação oficial no Brasil, trazida pela corte em 1808. Quando se abre o leque das possibilidades diante do estudo da história através dos periódicos se percebe uma flexibilização e diversificação da fonte histórica, a história é escrita diariamente pelo homem das suas diversas formas e métodos a imprensa é mais uma dessas formas, proporcionadas a nós pelo movimento da escola dos *Annales*. A história política do Brasil nacional e principalmente a história local é traduzida e contada de todas as formas e com diversas fontes. O período da década de 1950, é um momento de mudanças dentro do cenário nacional e no cenário maranhense, Vargas se situa como a figura mais emblemática desse período devido principalmente pela forma como se manteve no poder durante o período ditatorial assim como o marco da sua volta pelo voto direto, assim como a sua desmoralização durante seu segundo governo.

Palavras-chave: Imprensa. Maranhão. Política. Getúlio Vargas.



## ABSTRACT

The national political history has been written through the Press since its official implantation in Brazil, brought by the court in 1808, when the range of possibilities is opened before the study of history through the periodicals one perceives a flexibilization and diversification of the historical source, the History is written daily by man of its various forms and methods the press is one more of these forms, provided to us by the movement of the *Annales* school. The political history of Brazil nationally and mainly local history is translated and counted in all forms and with diverse sources. The period of the 1950s is a time of change within the national scenario and in the Maranhão scenario, Vargas stands as the most emblematic figure of this period due mainly to the way he remained in power during the dictatorial period as well as the milestone of his Return by direct vote, as well as his demoralization during his second government.

Keywords: Press. Maranhão. Policy. Getúlio Vargas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 HISTÓRIA E IMPRENSA</b> .....	12
<b>2.1 História e Imprensa no Maranhão</b> .....	19
<b>2.2 O Combate</b> .....	21
<b>3 ELEIÇÕES DE 1950</b> .....	24
<b>3.1 Campanha eleitoral de Vargas</b> .....	29
<b>3.2 O Combate nas eleições de 1950</b> .....	31
<b>3.3 A greve de 1951 no Maranhão</b> .....	32
<b>3.4 Repercussão da vitória de Getúlio Vargas em <i>O Combate</i></b> .....	35
<b>4 SEGUNDO GOVERNO VARGAS</b> .....	38
<b>4.1 Formação da base de governo</b> .....	41
<b>4.2 Balança do Segundo Governo Vargas</b> .....	46
<b>4.3 O trágico Suicídio</b> .....	48
<b>4.4 Conseqüências do Suicídio de Vargas</b> .....	50
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	52
REFERÊNCIAS .....	54

## 1 INTRODUÇÃO

A década de 1950 guarda uma parte da história do Brasil pouco explorada principalmente diante do viés da produção historiográfica do período dentre os anos de 1950 a 1955, se tem poucos trabalhos não só diante do cenário nacional mais principalmente em relação ao estado do Maranhão, este trabalho apresenta-se como uma análise do período com os olhos voltados para o cenário político maranhense, através das lentes do jornal “*O Combate*” focado na repercussão que o suicídio de Vargas teve nas páginas deste mesmo periódico e no cenário da capital maranhense.

Ao se eleger presidente no pleito de 1950, Getúlio Vargas se mostrava vivo na memória do povo e apesar de ter ostentado o cargo de ditador, consegue mesmo assim voltar ao poder através do voto popular dando assim continuidade ao período democrático.

O Brasil recém-democrático clamava por mudança no cenário político, o então presidente Dutra não conseguirá controlar a economia de forma satisfatória, mesmo por questões de experiência, apesar dos seus esforços Dutra terminou o seu mandato com uma péssima imagem, Getúlio ensaia a sua volta e a apesar de negar por muitas vezes que não seria candidato, porém ele acabaria por aceitar e a sua volta se concretizou em 1950.

Vargas encontrou um cenário bem diferente daquele que deixou no fim do seu primeiro governo, Dutra não conseguiu dar ênfase a indústria nacional e o seu engajamento no projeto liberal não funcionou bem, mas uma vez o país mais importava do que exportava, o que é péssimo para a economia e reflete no crescimento da inflação, Vargas surge novamente para pôr ordem na casa.

Getúlio não encontrou um campo favorável para implantar suas estratégias logo a qualquer deslize que este tivesse era atacado pela mídia, mídia ao qual ele soube tanto articular e utilizar em seu benefício durante o seu primeiro governo, diante de uma crise generalizada e sem apoio político necessário Vargas se vê em uma rua sem saída, correndo o risco de sofrer impeachment recorre ao suicídio diante da pressão que estava sofrendo.

Este trabalho não se apresenta como uma apologia à Vargas apesar da minha grande admiração pelos seus feitos, tão importantes para o fortalecimento do nacionalismo e da industrialização do país, durante os anos 90 grande parte das empresas públicas criadas em

seus primeiro e segundo governo foram vendidos a preço de banana, iniciados pelo governo Collor que teve as seguintes pautas: redução dos gastos públicos e concretizado pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, ao que era necessário diante da agenda neoliberal.

Getúlio Vargas é uma figura política daquelas que deixam a sua marca, durante toda a sua vida dedicou seu trabalho ao que ele acreditava ser capaz de emancipar o Brasil, com os seus programas de fortalecimento da indústria, assim como a limitação do envio de remessas para o exterior, prendendo assim parte do lucro de empresas estrangeiras na economia nacional, esta atitude viria a irritar as potências industriais.

O segundo governo Vargas tinha por metas fortalecer a economia nacional e pôr em prática o plano de emancipação econômica do país pelo menos assim aspiravam os nacionalistas. É nesse período que nascem as principais empresas estatais, como a Petrobrás, Eletrobrás empresas estas que exerceram grande papel no processo de modernização do país.

Este trabalho está dividido em três capítulos, no capítulo 2, História e Imprensa onde faço um exame da importância do estudo dos impressos nacionais e principalmente locais, como o historiador deve analisar cada periódico, sempre tentando entender como esses meios de comunicação se comportam diante da vida política do país, como o poder de manipulação da informação se torna importante para manter ou derrubar regimes.

No capítulo 3 temos um estudo sobre a articulação das eleições presidenciais de 1950, eleição essa que traz o retorno de Getúlio Vargas ao cenário do comando da nação, ainda observo como o periódico aqui estudado se comporta diante da figura de Vargas, dos resultados das eleições e do processo de impugnação, assim como a repercussão da vitória de Getúlio nas páginas do jornal.

No quarto capítulo temos uma breve análise das medidas tomadas por Vargas na formação da sua base governamental, ainda o processo de desmoralização da sua imagem, o comportamento do periódico em relação as acusações de corrupção generalizada, e o desenrolar do atentado contra Carlos Lacerda, atribuído inicialmente a Vargas, assim como a decisão pelo suicídio, e as consequências do seu fim trágico.

## 2 HISTÓRIA E IMPRENSA

Ao utilizar o jornal como fonte de pesquisa histórica, tenho como principal objetivo elaborar uma reflexão sobre o tema abordado neste trabalho, logo sabendo que o jornal como fonte histórica foi inserido a pouco tempo, nas pesquisas de história e ainda assim surge como um novo parâmetro para a compreensão da história.

Segundo Tania Regina de Luca somente a partir da década de 1970, é que o jornal passa a ser concebido como um possível objeto da pesquisa histórica e deixa de ser utilizado, tão somente, apenas “como fonte confirmadora de análises apoiadas em outros tipos de documentação” (DE LUCA, 2010 apud MAZINI, 2012 p.03).

É sabido que para alguns historiadores os periódicos não são uma fonte confiável de informação, já que eles por vezes podem manipular informações e principalmente reproduzir as ideologias dos seus donos baseados em diversos motivos e interesses, sejam eles particulares ou de grupos, de acordo com Rodrigo Santos de Oliveira.

Acompanhando tais transformações, a imprensa se mostrou uma importante ferramenta para o trabalho do historiador. Mas, acima de tudo, o historiador deve buscar compreender a sua fonte para melhor interpretá-la. Marialva Barbosa aponta a questão das duas “temporalidades”, ou seja, entre a imprensa que relatou o acontecimento no momento em que este aconteceu e o historiador que o reinterpreta no futuro. (OLIVEIRA, 2011, p.126).

Como percebemos acima, Rodrigo Santos deixa claro a importância que o historiador tem que ter ao analisar o periódico, assim como é de dever do historiador interpretar os textos jornalísticos com uma visão crítica, principalmente por sabermos das interferências particulares nas matérias dos jornais.

Outro ponto que quero deixar claro é o fato do porquê de muitos historiadores pensarem que por inocência ou mesmo escolha, os documentos oficiais representavam de forma precisa os acontecimentos históricos, mas o que aprendemos nessa longa jornada do fazer história é que afinal os documentos oficiais também são passíveis de manipulação, assim como os jornais, ou seja, o historiador deve ser cauteloso com todas as fontes que utiliza para produzir suas interpretações da história.

O campo da pesquisa histórica tem seus horizontes ampliados com a inserção de mais uma fonte de pesquisa, pesquisas às quais serviram para compreender melhor o passado, afinal assim que se olha a história a partir das lentes da imprensa se consegue ver melhor os diferentes planos da sociedade, lembrando também que a imprensa não é mas apenas um meio

de divulgações de notícias, esses periódicos têm em seu corpo a crítica e por muitas vezes o apoio à políticos ou mesmo setores empresarias.

Para este trabalho vejo a importância dos periódicos para o processo de queda de Getúlio Vargas dentro da política nacional, já que esse veículo de informação foi crucial para o declínio do seu segundo governo, isto é claro um dos fatores, porém não foi o único, como veremos mais ao longo do texto.

Isto é com o pioneirismo da escola dos *Annales*, temos então a análise de fatos históricos não apenas editados através dos documentos oficiais, com este novo modelo de percepção ampliamos o leque das interpretações sobre diversos temas do mundo contemporâneo. A historiadora Maria Helena Capelato, afirmou ser a imprensa manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, pois “possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos” (CAPELATO, 1988, p.13). Assim como Capelato explica percebemos que os periódicos se apresentam como uma fonte de conhecimento excepcional.

A utilização de jornais para a compreensão de fatos históricos foi a pouco tempo disseminado, tanto é que os diversos artigos e monografias e dissertações, estão fluindo com mais frequência o que é de suma importância para mapearmos os comportamentos sociais de determinadas épocas e regiões, tendo assim um melhor diálogo com a escrita da história e suas diversas fontes.

Geralmente cada região dos estados brasileiros possuem uma gama de periódicos e é através destes que o historiador pode encontrar informações muito relevantes comparadas a outras informações revelam o modo de pensar e agir de determinados grupos sociais nacionais assim como vemos em diversas pesquisas que estão surgindo devido a utilização dessas fontes.

O jornal diferente das fontes oficiais por vezes pode expressar diferentes versões de fatos históricos, noticiados pelos próprios periódicos ou mesmo divergir entre ideias entre os mesmos, podemos então ter uma narração de um fato citado por um determinado periódico, enquanto outro noticiar com outros fatos, e assim a nota oficial ser totalmente diferente e cabe ao historiador desmiuçar e explicar todas estas versões de cada fato explicando de forma coerente exacerbando os motivos que levam a essas diferenças.

O uso de jornais como fonte histórica pode ser mais bem entendido a partir deste parágrafo:

O uso de periódicos para o conhecimento da época que estamos estudando é vital, mas, quando se recorre a eles, deve-se ter o cuidado de situar no contexto o jornal que está pesquisando. No Rio de Janeiro, por exemplo, um órgão de tanta importância como o jornal do Brasil, entre 1930 e 1950, era pouco mais que um boletim de anúncios classificados, conhecido pejorativamente como “*jornal das cozinheiras*” e, por isso, seguramente, não constitui o melhor recurso para embasar uma pesquisa de história política do período. (BELOCH, 2004, p.21).

Como podemos ver no parágrafo acima a escolha do periódico é de extrema importância para poder dar validade ao trabalho do historiador, Beloch explica como um bom levantamento anterior sobre a fonte pesquisada evita um desperdício de tempo.

A imprensa é de alguma forma a representação do dia a dia dos homens desde que foi inventada, há ainda a confusão em meio ao seu surgimento, e a sua função que está ligada a invenção das máquinas de impressão assim como o jornalismo como profissão dentro do âmbito social, o que quero dizer é que por exemplo o jornalista nos dias atuais assumiu um papel de vigilante dos atos praticados pelo estado.

Sendo assim a imprensa tomou forma com o tempo se diversificando em diversos campos, desde o noticiário meramente informativo, até as colunas de lazer, ao utilizar diversos signos para levar notícias de todos os tipos para os leitores, assim como defender ou desmerecer certas posições ou agentes sociais, a imprensa tão logo será percebida como veículo de disseminação de ideologias de determinados grupos sociais, manipuladora de notícias e ideais assim como acontece até os dias atuais.

Este trabalho fala estritamente de Getúlio Vargas e como a imprensa local e nacional o tratou durante seu segundo governo (democrático) um político que soube bem utilizar os meios de comunicação para se favorecer isto durante seu primeiro governo, através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)<sup>1</sup>, dentro do âmbito dessa pesquisa a

---

<sup>1</sup>Com o objetivo de aperfeiçoar e ampliar as atividades do Departamento Nacional de Propaganda, Vargas criou, em dezembro de 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda, extinguindo, através do mesmo decreto, o DNP. A direção geral do novo departamento permaneceu nas mãos de Lourival Fontes, diretor do antigo órgão. A partir da criação do DIP, todos os serviços de propaganda e publicidade dos ministérios, departamentos e estabelecimentos da administração pública federal e entidades autárquicas passaram a ser executados com exclusividade pelo órgão, que também organizava e dirigia as homenagens a Vargas, constituindo o grande instrumento de promoção pessoal do chefe do governo, de sua família e das autoridades em geral. O DIP tornou-se o órgão coercitivo máximo da liberdade de pensamento e expressão durante o Estado Novo e o porta-voz autorizado do regime.

intenção é demonstrar como o periódico se comportou mediante os acontecimentos ligados a eleição de Getúlio Vargas assim como o desfecho da sua carreira política causada pelo seu suicídio.

Através da censura e outros meios de repressão Vargas conseguiu projetar uma imagem de bom político defensor dos direitos da população assim como é veiculado até os dias atuais. Vargas por opção ou não, deixou de mão no seu segundo governo a imprensa, sendo este apontado por alguns historiadores como um dos seus erros, deixando livre a imprensa e sem o apoio da grande mídia ele teve um maior desafio para vencer as eleições de 1950 e se manter no poder, a imprensa dessa época já lhe era hostil devido a censura por ele implantada durante o estado novo.

O declínio do segundo governo de Vargas, tem como ator relevante o não apoio da mídia, não somente a mídia mais outros fatores levaram o seu governo ao declínio como o não apoio dos militares, tratarei deste tema mais à frente. Vargas teve sua imagem desfigurada ao longo do seu segundo governo culminando na crise de 1954 que o levou ao suicídio pondo assim fim a Era Vargas<sup>2</sup>, o importante é percebermos como os diversos veículos de informação conseguem derrubar um governante do poder.

Podemos compreender melhor a utilização dos impressos como fonte histórica através deste parágrafo:

Também na área da História, no ensino e na investigação sobre os mais variados temas e problemáticas, a utilização de materiais da Imprensa hoje está cada vez mais generalizada. E, sem dúvida, tais usos nos distanciam de um tempo em que a imprensa era considerada como fonte suspeita, a ser usada com cautela, pois apresentava problemas de credibilidade. Nestas últimas décadas perdemos definitivamente a inocência e incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 254).

Como dito acima a revolução no meio das fontes históricas nos abre um campo de imagens e reflexões possíveis geradas através da utilização de diversas fontes documentais, assim como o periódico pode ser utilizado em uma pesquisa tendo como base documentos

---

<sup>2</sup> A utilização do termo Era Vargas, corresponde a todo o tempo em que esteve no poder, assim como as influências do seu poder político, Fernando Henrique Cardoso em posse durante seu primeiro mandato como presidente disse que a partir daquele momento se colocaria fim a Era Vargas, fazendo assim uma alusão aos governos populistas, e a influência de Vargas na política nacional até aquele momento.



oficiais dando e reiterando se há divergência e se sim o porquê delas, para que assim ao surgir questionamentos sobre aquilo que se pesquisa se possa confrontar diversas fontes e expor assim as diversas interpretações.

Isto é algo fascinante no meio acadêmico porque percebemos diversas versões de um mesmo fato seja ele oficial ou não, já se passou o tempo em que o historiador apenas se preocupava com a veracidade dos fatos e confiava apenas nos documentos oficiais, no entanto agora os fatos podem ser interpretados e reinterpretados de diversas formas e por diferentes ângulos. Assim como tratarei neste trabalho.

Enquanto os historiadores metódicos viam nos documentos, e mais, apenas nos documentos oficiais a possibilidade de investigação histórica científica, à procura de uma certeza objetiva, os *Annales*, recusando esta ideia, afirmavam ser o discurso histórico fruto das interferências do historiador, de suas escolhas, de seu olhar. O historiador, nesse sentido, não estaria mais submisso ao documento.

A corrente historiográfica dos *Annales* na década de 1970 alterou o campo de atuação do historiador, conduzindo-os a novos rumos, a trilhar novos caminhos. A utilização dos impressos resulta justamente dessa renovação da própria disciplina. Significa, ao menos, que tais mudanças provocaram rupturas epistemológicas ao conhecimento histórico, constituindo-se, entre outros, uma “revolução documental” (LE GOFF, 2010, p.531).

Indagar a noção de fonte na história tornou-se, assim, passo essencial na vida dos historiadores. Conhecer e historicizar as fontes permitiu adequações ao método. Tais mudanças decorreram de pesquisas e da curiosidade do historiador, a incessante busca ao conhecimento. Se tratando em não cair nas armadilhas do óbvio o historiador precisa ficar atento aquilo que ele pesquisa, Capelato deixa isto mais claro.

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero veículo neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere. (CAPELATO; PRADO, 1980, p.19)

A imprensa por seu caráter imparcial, percebido no Brasil republicano e conseqüentemente, na história do Brasil recente sabemos que estes meios por seu grande vínculo com correntes políticas, podem assim priorizar determinadas notícias em detrimento de outras, por isso o estudo de duas fontes jornalísticas de um mesmo período é extremamente importante, fazendo assim a comparação entre ambos, para se checar o privilégio de cada um

a determinados temas, também citando seus proprietários e o seu principal caráter se empresarial ou político. Intencionalmente para este trabalho não utilizarei o meio de comparação entre periódicos.

A imprensa informa e forma; privilegia, dispõe e relaciona as notícias, elegendo os acontecimentos que merecem destaque e os que serão relegados ao esquecimento. Não registrando apenas o fato ela o cria, na medida em que seleciona o que é e o que não é notícia, seja por critérios jornalísticos, ou por interesses econômicos e políticos (STEPHANOU, 2001 apud OLIVEIRA, 2011 p. 127).

Como dito acima, a imprensa informa e forma, as informações diárias são buscadas através destes meios de comunicação, ou seja, os periódicos fazem a seleção daquilo que lhes é mais favorável, aquilo que é de seu interesse levando em consideração as suas ligações com empresas e políticos, por isso sempre é bom se informar com mais de dois jornais.

Jornais, revistas, rádios e televisões são empresas e, portanto, também buscam lucros. De outra parte, negociam um produto muito especial, capaz de formar opiniões, (des)estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. Elas não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam, estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público. (DE LUCA; MARTINS, 2006, p.11).

Os periódicos são empresas, como empresas se espera destas que gerem lucros, com isto esses meios de comunicação não são totalmente imparciais, assim como muitos se dizem, estes fatos não negam a existência de jornais comprometidos com a verdade, o que digo aqui, é que o historiador precisa estar atento a sua fonte, sabendo assim dos problemas existentes diante dela, vejamos o que diz Renan Rivaben Pereira a respeito dos jornais no seu papel de forma opiniões:

Dentro desse processo de construção e legitimação do público, a imprensa assumiu e continua assumindo papel fundamental, visto que os periódicos formam opiniões e são moldados por elas. Longe de ser imparcial, como já advertiu Capelato e Lígia Prado, mas também renegando o caráter reducionista de falsificadores da verdade, a pesquisa em voga tende a qualificar a imprensa como "força ativa", que interage na complexidade de um contexto. (PEREIRA, 2015, p.105).

Destarte percebemos a complexidade da pesquisa histórica através dos jornais, assim como a história como disciplina é uma construção do passado, aquilo que passou e não

consegue voltar (SILVA, 2015, p.174.). A imprensa veicula as informações mesmo que em tempo real, porém não consegue mostrar através de suas lentes o que realmente se passa, obstante uma completa a outra, fundadas em um mar de subjetividades e interpretações diversas.

Nos resta apenas interpretar os acontecimentos pautados nos nossos conhecimentos, sabendo que estes sempre serão contaminados por nossos vícios e ideologias assim como acontece com os meios de comunicação das mais variadas modalidades, as proporções de interpretações é o que torna o nosso trabalho do historiador ainda mais complexo.

No livro *A imprensa e o dever da Verdade de Rui Barbosa* (BARBOSA, 2004.), o autor esclarece que a imprensa tem por obrigação, expor os fatos assim como ocorreram, é dever desta não interferir de forma a criar notícias falsas ou explorar de forma inadequada algo que a favorece ou, aos seus patrocinadores.

Assim dizia Rui Barbosa "a imprensa é a vista da nação" ao início dos anos 1920. Rui Barbosa atento a tudo que estava ao seu redor já previa que o uso dos jornais seria de extrema importância para os trabalhos dos historiadores, seu livro expõe muito daquilo que deveria existir dentro das redações dos jornais a preocupação com a verdade.

Não precisamos entrar em discussão que nesse momento aqui não cabe, porém o que quero demonstrar é que desde muito cedo os próprios jornalistas perceberam a capacidade que tem em suas mãos ao noticiar um fato, em incursões de uma sociedade do século XXI onde as notícias correm muito rápido devido aos avanços tecnológicos, podem se construir ou destruir reputações em apenas um click.

No campo da informação, o homem tende a priorizar determinadas fontes de conhecimento, isto é logo absorvido pelos grandes redatores de jornais, em uma época em que a internet ainda não tinha sido inventada a principal fonte de informações eram os jornais sejam eles falados ou escritos.

O que digo é que os periódicos por meios dos seus textos tendem a sugerir e até mesmo impor ideais e escolhas assim como se percebe com uma determinada matéria que possa ser publicada em vésperas de eleição exacerbando algo ruim sobre determinado candidato e levando se em consideração o prestígio do periódico, este fato sendo verdade ou

não interfere no produto final das eleições, para ficar mais claro o que digo vejamos o que diz DE LUCA (2010) “O pesquisador dos jornais, na verdade, “trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só abarca um aspecto de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa”. Como explica DE LUCA, o estudioso precisa, interpretar as motivações que levam o periódico a dar ênfase a determinadas notícias.

Ao selecionar o texto jornalístico como sua fonte de pesquisa, o historiador deve levar em conta que sua fonte não é um documento “puro e cristalino” que contenha todas as verdades. É importante dialogar com essas fontes, fazer entrecruzamentos com outras informações e, às vezes, buscar as razões do seu silêncio ou de sua omissão. (OLIVEIRA, 2011, p.126).

Assim como deixa claro Rodrigo Santos, o historiador tem que saber, que sua fonte não é exatamente a reprodução do que realmente aconteceu durante o período estudado, por isso a importância em utilizar outras fontes, assim como textos de autores que já trabalham com o assunto. O intercruzamento de informações acaba por dar maior validade ao trabalho do historiador.

A história através dos jornais escritos ou falados, servem assim para enriquecer o nosso conhecimento do tempo passado e do tempo presente. Assim como o historiador se utiliza de diversas linguagens para produzir o seu discurso, os jornalistas o fazem para produzir os seus textos, como por exemplo, o uso de; fotografias, charges, frases com duplo sentido entre outros meios.

## **2.1 História e Imprensa no Maranhão**

Os estudos e pesquisas no Maranhão relacionadas a imprensa local, estão em pleno vapor, diversos trabalhos acadêmicos estão surgindo dentro das universidades. Estes trabalhos servem para enriquecer a historiografia sobre diversos períodos da história nacional, com isto aprendemos e construímos as nossas interpretações sobre os acontecimentos desta terra.

Para entendermos melhor como se configuram os jornais maranhenses precisam retomar ao início ou mesmo a gênese da criação destes primeiros jornais, vejamos o que diz a historiadora Lucimar Carvalho Sousa.

Os primeiros jornais maranhenses apresentavam um mesmo estilo estético, com pouquíssimas variações. Eram jornais que tinham entre quatro e cinco páginas. Na primeira página traziam os decretos ou ofícios, em seguida, vinham as notícias nacionais e internacionais, avisos, correspondências, que muitas vezes chegavam com um atraso de meses, entrada e saída das embarcações da cidade de São Luís, assim como receita e despesa dos cofres do conselho e tarifas de saldos. (SOUSA, 2006, p.20).

Como vemos acima, os primeiros periódicos possuíam um caráter mais simplista, isto é claro é de se entender afinal estes estavam em pleno desenvolvimento, e com a proibição imposta pela metrópole não tinha como se ter jornais mais complexos, embora isto viria a mudar com a chegada da família real portuguesa em sua fuga da Europa, a partir de 1808 a colônia agora sede do reino, passara por diversas mudanças impulsionado assim diversas áreas da vida pública, culminando com isso na ampliação e desenvolvimento dos impressos no Brasil. Se no Brasil o primeiro jornal a circular tenha sido o Correio Brasiliense, no Maranhão temos o conciliador do Maranhão criado em 1821.

No Maranhão o primeiro jornal será lançado em 1821, “O Conciliador do Maranhão”, de caráter oficial<sup>3</sup>. A história da imprensa teve início em um momento de conflitos de idéias e posições, no contexto da Independência do Brasil e adesão do Maranhão a essa causa. Como informa Sebastião Jorge (1987, p. 16), “a situação eracrítica, o ambiente pouco favorável à implantação de uma imprensa independente que viesse assumir uma postura política sobre determinado segmento de idéias”. (SOUSA, 2006, p.14).

Bem a imprensa no Maranhão como afirma Lucimar Carvalho, desde o seu início tem um caráter especial de embates políticos, primeiramente com o processo de independência do Brasil, escancarando assim suas opiniões acerca deste acontecimento, percebemos então que desde a sua gênese os jornais maranhenses têm sua ligação muito forte com a política.

Diante dessas informações podemos concluir que o caráter imparcial, apenas de informar não é o principal nas páginas dos periódicos estaduais, estes possuem um caráter, muito combatente e político, por este motivo considero o uso desta fonte como uma forma incrível de escrever história através da visão desses jornais. Lembrando sempre das regras a serem seguidas ditas na seção anterior.

O título de quarto poder concedido à imprensa atualmente alude a sua capacidade de construir e principalmente, destruir imagens. Representada pelos veículos de massa, a imprensa tem um poder de ação e convencimento grandioso, em particular em países em desenvolvimento, como o Brasil, em que o índice de analfabetismo é extremamente alto e a capacidade crítica das

peçoas é mínima. Para muita gente tudo o que diz o jornal ou a TV é verdadeiro. Esse grande poder concentrado nas mãos dos jornalistas tem sido usado tanto pela “imprensa marrom” quanto constituída por empresas capitalistas, que objetivam o lucro manipulando as informações em vez de esclarecer a sociedade. (SOUSA, 2006, p.47).

Assim como Lucimar Carvalho deixa claro, a imprensa tem o poder de convencimento enorme em suas mãos, isto é claro já era sabido pelos redatores dos jornais maranhenses desde o seu início, os jornais apresentam-se como aparelhos privados de hegemonia<sup>3</sup>.

A diversidade em meios aos periódicos no Maranhão é bem grande e necessita de muito estudo, assim como já alertava Antônio Lopes (1959), apesar de muito ainda estar por ser estudado, precisamos em muito progredir afinal muito do podemos saber sobre a história contemporânea do Maranhão podemos encontrar nas páginas dos jornais.

Sebastião Barros Jorge faz um mapeamento e descreve os primeiros impressos a circularem no estado, utilizando como base o texto de Antônio Lopes, enriquecendo assim a historiografia sobre os jornais maranhenses, esses autores demonstram o caráter já combatente da nascente imprensa em seus embates políticos.

Embora se tenha muitos trabalhos sobre a imprensa no século XIX, as que competem ao século XX até os dias atuais são ainda poucas, seja pela dificuldade de falar do tempo presente, ou mesmo por outros motivos. Seja assim temos um grande desafio em construir a história contemporânea do Maranhão através dos jornais falados e impressos, já bem encaminhado pelo NUPEHIC (Núcleo de Pesquisa em História Contemporânea).

## 2.2 O Combate

O jornal *O Combate* foi fundado em 21 de abril de 1925 por Lino Machado, este periódico possuía em média quatro páginas e custava em torno de 0,50 cruzeiros, em datas especiais este valor poderia oscilar para menos ou para mais, assim como o número de páginas, era um jornal, informativo, trazia colunas variadas, entre elas esporte, trabalho, economia, saúde e ainda como é de praxe era veiculado.

---

<sup>3</sup>Para Nelson Coutinho os Aparelhos Privados de Hegemonia são organizações sociais privadas, portanto, autônomas em face do estado.

Ao se observar as matérias deste periódico se percebem que a maior parte de suas matérias era ligada a política, muito do âmbito nacional e principalmente do regional, este periódico estava ligado ao PR (partido Republicano) ao qual o seu diretor Lino Machado era partidário.

Segundo Adriano Negreiros o *Jornal O Combate* pode assim ser entendido:

Todavia, outros como o *Jornal O Combate*, tinham um posicionamento extremamente indiferente ou contrário aos anseios de melhorias sociais de população carente do estado. Nas entrelinhas das notícias que veiculava, era perceptível a ausência de reportagens ou matérias que dessem visibilidade aos déficits sociais do Maranhão. (SILVA, 2016 p 91-92)

Como podemos observar na citação acima, este periódico tinha como maior preocupação a disputa política, principalmente em torno do discurso anti-vitonista, por muito as matérias deste trazem em seu bojo em sua grande maioria críticas ferrenhas aos como eles chamavam o "monstro" entre outras denominações que se seguiam tanto neste periódico como nos outros que circulavam no estado.

Importante apresentar aqui um pouco da vida do Diretor e proprietário deste periódico Lino Machado, como bem sabemos os órgãos privados de comunicação, correspondem geralmente ao pensamento político ideológico de seus proprietários. Lino Machado se formou em medicina no Rio de Janeiro em 1915, entrou no quadro de médicos do exército no mesmo ano em que se formou, foi eleito em 1921, deputado estadual no Maranhão, foi ainda promovido a capitão em julho de 1923.

Foi ainda integrante da Aliança Liberal (1929-1930) participou da revolução de 30, em 1933 elegeu-se novamente deputado estadual pelo Maranhão, em 1934 foi eleito deputado federal na legenda do Partido Republicano (PR). Se engajou ainda durante o ano de 1945, da fundação da União Democrática Nacional (UDN), deixou a UDN no mesmo ano e voltou-se para a fundação do Partido Republicano em âmbito nacional, foi ainda promovido a Coronel em 1947, Lino Machado, militar e político, exerceu como visto acima diversos cargos na vida pública nacional, assim como estadual, Lino Machado permaneceu como diretor geral do periódico *O Combate* de 1925 até o ano de 1957, a partir de 1958 seu filho assumiu a diretoria do Jornal.

Este periódico trazia como lema os versos de Machado de Assis, estes quais também são os da UFMA (Universidade Federal do Maranhão), segue os versos; *A vida é*

*combate, Que os fracos abate, Que os fortes, os bravos, Só pode exaltar.* Na primeira edição do jornal este trouxe um texto intitulado *Duas Palavras* onde se expõe a função deste, vejamos o que diz o texto:

Afinal vem a arena “O Combate”. E ainda surge oportunante na phase em que o governo de trevas procura envolver todos os espíritos a densa escuridão do seu governo no momento em que as consciências livres andam incensantemente pela honestidade, pela moralidade, ao direito e pela justiça insisamente neste instante maranhenses, em que o chefe dos desmandos surgiu aos clamores de todo um povo, tema ritmo do sul, na teia de conseguir perpetuação da sua obra maléfica sobre esta terra por si tão viltada tão vilipendiada, tão envilecida! (Jornal O Combate, 21 de abril, 1925, p.01)<sup>4</sup>

Deste modo percebemos que a posição do periódico é clara a de, sempre estar ao lado, diante do mal que cerca a população e à faz escravo, este periódico assim como os demais do mesmo período, é extremamente apelativo, ou seja, expõe suas ideias, carregadas de significados, diante disto percebo que este jornal não é necessariamente para a população e sim para evidenciar a disputa política entre os partidos do governo estadual e os que não são, está é a impressão que se deixa passar deste jornal à partir das análises das matérias publicadas no mesmo, o combate é um jornal político-empresarial.

---

<sup>4</sup> Transcrição original do periódico sem correção.



### 3 ELEIÇÕES DE 1950

As articulações para a sucessão presidencial começaram já em meados do governo Dutra, em Minas Gerais os dois principais partidos discutiam entre si os nomes dos candidatos para o cargo federal assim como para os cargos estaduais, o Partido Social Democrático (PSD) e a União Democrática Nacional (UDN), de antemão ficaria a cargo do PSD a esfera federal enquanto que para a UDN caberia a indicação para o governo estadual, assim estes partidos tentavam usar a fórmula de união nacional.

As fórmulas testadas com o intuito de reunir candidatos que fossem satisfatórios para todos, não surtiam efeito, o presidente nacional da UDN José Eduardo Prado Kelly, insistia que somente apoiaria o PSD se juntos escolhessem um candidato extra partidário, em junho de 1949, Valter Jobim, lança a fórmula Jobim na qual consistia em consultar todos os presidentes de partido sobre a questão da sucessão presidencial, incluíam ainda nessa formula a consulta ao ex-ditador Getúlio Vargas, assim como os demais líderes do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), já se cogitava que Vargas seria candidato porém este se reservara em não confirma nada inclusive quando consultado sobre a escolha de um nome se pronunciava de forma a não expressar nenhum tipo intenção que deixasse transparecer os seus planos.

Em fins de julho, aceitando a “fórmula Jobim”, Prado Kelly, Nereu Ramos (presidente do PSD) e Artur Bernardes (presidente do PR) assinaram uma declaração pela qual resolviam ouvir todos os partidos sobre a escolha de candidatos comuns à presidência e vice-presidência da República. Os entendimentos, contudo, não evoluíram porque, entre outros motivos, Nereu Ramos reivindicava sua própria candidatura. De fins de setembro a fins de outubro, Prado Kelly, Nereu e Bernardes voltariam a se reunir, mas sem nenhum resultado prático. (LAMARÃO, sem data, p.211)

Como não chegavam a nenhum acordo, foi proposto por Benedito Valadares a fórmula mineira na qual consistia em um candidato de união nacional, porém este deveria ser do PSD e mineiro, a escolha por este meio acabou por gerar o afastamento da UDN, está na qual começou a se articular em torno de um candidato próprio, a escolha da UDN foi o mesmo candidato do ano de 1945 o Brigadeiro Eduardo Gomes.

O PSD optou pela candidatura de Cristiano Machado “a decisão foi homologada em convenção nacional realizada em junho”. (LAMARÃO, sem data, p. 212). O partido republicano (PR) concordou com a escolha desde que a vice-presidência ficasse com um de

seus membros, homologado a escolha pela candidatura de Cristiano Machado para presidente e o Vice Altino Arantes escolha do PR.

Assim estava formada as duas principais chapas eleitorais daquela eleição. Até então não se tinha certeza da candidatura de Vargas, porém se tentava saber a quem ele daria o seu apoio, afinal Getúlio apesar de estar isolado em São Borja observava tudo em torno da sucessão presidencial, sempre se negando quando perguntado se concorreria as eleições, era obvio que qualquer um que fosse cortejado com o apoio de Vargas teria forte chances de ganhar.

D'ARAÚJO (1992) afirma que Vargas era a principal chave das eleições de 1950, até então não se sabia se este seria candidato, então se buscava saber que ele apoiaria, afinal Vargas gozava de grande prestígio no meio político e social, obviamente quem ele apoiasse teria grandes chances de vitória.

O crescimento da inflação e a crise econômica durante o governo Dutra enfraqueceram-no diante da população, o candidato que fosse indicado por ele não teria tanto prestígio.

Vargas articulava sua volta ao poder através de alianças, formando assim como afirma D'ARAÚJO(1992) a “frente populista” baseada em uma forte troca de favores, se associando a Adhemar de Barros<sup>5</sup>, Vargas alçava a sua candidatura, explicitamente sem o apoio da grande mídia.

Getúlio consegue se fortalecer mesmo sem grande apoio, apesar disto Vargas tem ao seu lado uma parte do partido que lhe foi fiel por muito tempo PSD, e apesar de esta engajado na consolidação do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) consegue levar grande parte do eleitorado do PSD, a falta de apoio de parte do PSD ao seu candidato acabara por ficar conhecido como cristianização ou cristianizar, eram os termos comumente utilizados para explicar a falta de apoio de parte do PSD em associação ao nome do seu candidato Cristiano Machado.

O grande fracasso dos opositores de Vargas durante a formações das chapas eleitorais foram os seus constantes desentendimentos diante de um nome que fosse agradável a todos, essa intensa busca pelo consenso, acabava por desequilibrar a autonomia dos partidos.

“Em outras palavras, a” união nacional” se inviabilizava na medida em que cada partido veta individualmente qualquer proposta de “união” quenão seja a sua (D'ARAÚJO,

---

<sup>5</sup> Empresário e político, Adhemar teve grande importância na vitória de Vargas nas eleições de 1950, provavelmente sem o apoio de Adhemar Vargas não teria vencido o pleito, em troca do apoio de Vargas nas próximas eleições Vargas apoiaria Adhemar.

1992 p.43)”. Getúlio aproveitara muito bem essas desavenças se lançando como o único candidato que unia os requisitos necessários naquele momento para concorrer ao pleito. Vargas apresentava se “como a única liderança capaz de sobrepor-se aos partidos existentes.

Podemos elencar alguns fatores favoráveis a candidatura e conseqüentemente vitória de Vargas.

Os militares não eram um grupo coeso entre si e forte o bastante para barrar a candidatura de Vargas, assim como não poderia indicar um candidato vindo de suas fileiras que pudesse obter o apoio da maioria dos militares, “ainda como um fator temos a mobilização popular e o trabalho das lideranças populistas junto às massas, bem como a atividade de seus adversários comunistas (D’ARAÚJO, 1992 p.57) ”.

Assim como a garantia de Góes Monteiro já fora do ambiente militar, porém ainda com muito contato com as lideranças militares de que não havia movimento algum contra sua candidatura desde que o mesmo não o fizesse de forma autoritária, e respeitasse assim a constituição.

Outro ponto favorável a Vargas era que ele era visto como único líder capaz de frear os avanços do comunismo no país, assim livrando o operariado dos ideários comunizantes, isto devido é claro pelo fato de ter perseguido o PCB e seus líderes durante o Estado Novo, além dos pontos citados a sua aliança com Adhemar de Barros é mais um dos pontos favoráveis à sua vitória.

Diante desse quadro, Vargas obteve uma vitória tranquila, embora não tivesse, durante a campanha, contado com o apoio de qualquer grande jornal. Sua candidatura circulava por outros canais e não dependeu da grande imprensa escrita ou falada. (...) esta (...) permaneceu antigetulista e declaradamente apoiava Cristiano, mas principalmente Eduardo Gomes. (D’ARAÚJO, 1992 p.115)

A falta de consenso entre os líderes da UDN, PSD, e PR, em torno de um candidato acaba por enfraquecer a escolha que pudesse ser vitoriosa, “o impasse consolida-se ao se pretender uma solução pública que simultaneamente satisfaça os interesses particulares das correntes político partidárias (D’ARAÚJO, 1992p.63). “

Todos esses fatores acabam por facilitar o retorno de Vargas que, também imbuído desses ideários, consegue apropriar-se como candidato do “interesse nacional” o candidato da “frente única do povo” (D’ARAÚJO, 1992p.64). Além é claro do fracassado Governo Dutra, alvo de muitas críticas nas manchetes dos jornais, inclusive do jornal aqui consultado. O periódico em editorial de 10 de maio de 1950 anuncia a aliança entre Getúlio e Adhemar:

Firme a aliança entre Getúlio e Adhemar  
P.S.P P.T.B

S. Paulo, 10, Rádio Press – um acontecimento de grande importância política, que terá decisiva influência no curso da sucessão marcou, de maneira sensacional, o início da semana política. Os srs. Adhemar de Barros e Getúlio Vargas manifestaram, publicamente, o seu propósito de marchar juntos na apresentação de um candidato à sucessão do general Dutra. (O Combate 10 de maio de 1950, p.1)

O PSP (Partido Social Democrático) no começo do ano de 1950 indica o nome de Vargas as eleições presidenciais daquele ano, pouco tempo depois em junho recebe também a indicação do PTB, sendo assim estava formado o cenário para as eleições de 03 de outubro, apesar de já estar ocupando cargo de Senador, dizia sempre em seus discursos que sua candidatura surgia do clamor do povo. O Combate assim se pronuncia diante da candidatura de Vargas:

Conforme era esperado, o governador bandeirante, sr Ademar de Barros, num comício histórico realizada na colina do Ipiranga, onde em 1822 foi proclamada a independência lançou, ontem, a candidatura de Getúlio Vargas, à sucessão presidencial, anunciando, ainda, a união das forças políticas que integram o trabalhismo e o populismo, neste país.(O Combate 16/06/1950 p.4)

O Jornal *O Combate* de posse dessa notícia resolve alfinetar o seu desafeto Vitorino Freire.

Ademar como porta estandarte da campanha do “baixinho” de São Borja Espera-se que, no Outeiro do Giz, o sr. Archer da Silva, lance, na forma prometida, a candidatura do Bacana, como em São Paulo haverá um cortejo de quinhentos autos, tendo à frente o carro-creche dos filhinhos do Duailibe. (O Combate 16/06/1950 p.4)

O bacana ao qual se referem é Vitorino Freire<sup>6</sup>, alfinetar Vitorino é o principal ponto de coalizão das “*oposições coligadas*”<sup>7</sup>, já que este se comprometera em enfrentar Vargas se este fosse candidato, *O Combate* usa de toda a sua criatividade para desmoralizar Vitorino diante dos seus leitores, com diversos ataques principalmente ao jornal *Diário de*

<sup>6</sup> Vitorino Freire, importante figura na política maranhense entre 1933 e 1965, em 1933 veio trazido para servir ao interventor Antônio Martins de Almeida, foi ainda diretor dos jornais *A tarde* e *Diário de São Luís*, sua influência na política maranhense teve fim em 1965 com a eleição de José Sarney para o governo do estado.

<sup>7</sup> Coligação formada pelos partidos adversários de Vitorino Freire, essa coligação tinha como objetivo derrubar a oligarquia vitorinista.

*São Luís*<sup>8</sup> ao qual chamam de *jornaleco*, *gazeta*, *gazetinha*, entre outros adjetivos, o *Diário* era o principal jornal apoiador de Vitorino Freire. Ainda em comparação ao ato de lançamento da candidatura de Vargas o Jornal faz o seguinte alerta:

O lançamento da terceira candidatura teve enorme repercussão nacional, sendo recebida, em delírio pela massa queremista que aspira o retorno de Vargas ao catete.

Lembrem-se todos, não só aqui, mas em todo o resto do país, a promessa solene feita de público, por Vitorino de se candidatar à presidência, no caso do senador gaúcho vir a ser candidato, como já o é. (O Combate 16/06/1950 p.4)

A promessa ao qual o matutino se refere, no entanto não é cumprida, Vitorino (PSD) concorre como vice na chapa de Cristiano Machado, do lado ainda de Altino Arantes (PR) para vice-presidência.

O interessante de se notar é que apesar do jornal defender a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes, ele por vezes defende Getúlio em suas publicações como podemos perceber abaixo:

#### Os institutos e o Senador Vargas

Li há dias, no “O Globo”, um telegrama do Rio, em que se comentava que o senador Getúlio Vargas teria dito que, uma vez eleito Presidente da República, acabaria como os institutos de Previdência.

Não merece credito o telegrama ventilado, porque, como é do domínio público “Globo” e “Imparcial” são dois órgãos oficiosos que não têm intendência uma vez que os “Diários Associados”, no Maranhão, são dirigidos por um homem que trocou a independência por um emprego, e publica, procurando dar aparência de verdade, toda invencionice de Vitorino Freire, o pai e mãe da mentira. Mas sendo verdadeiras as declarações do senador gaúcho, fê-las ele, naturalmente, revoltado contra as roubafeiras que se verificam, a cada passo, nesses institutos roubafeira que o general presidente consente ser tugar nem mugir, porque os autores são os seus pupilos de sua “copa e cosinha”. (O Combate 19/06/1950 p.4)

Como vemos acima por todo o fim o ponto mais interessante para o matutino é desmerecer os órgãos aliados de Vitorino Freire. O combate era mais um dos órgãos ligado as oposições coligadas, esses órgãos tinham como principal alvo Vitorino Freire até então chefe político do Maranhão, os discursos das oposições em muito se assemelham com o jargão populista, e trabalhista o mesmo defendido por Getúlio Vargas e Adhemar de Barros.

As estratégias simbólicas adotadas pelas Oposições seguiam uma lógica dualista e maniqueísta, com o objetivo de desqualificar a autoridade do

---

<sup>8</sup> Jornal governista estadual.

grupo dominante, centrando-se na pessoa do senador Victorino Freire. Pernambucano por nascimento, Victorino foi representado no discurso oposicionista como um “invasor”, um “intruso”, um “monstro, que o enxurro da Fatalidade atirou para as nossas praias”. A ilha de São Luís (e, por metonímia, o Maranhão) teria sido invadida e ocupada por um “aventureiro inescrupuloso”. (COSTA, 2006 p. 87)

Como vemos acima as diversas formas de desmerecimento eram produzidas quase que diariamente pelas oposições e conseqüentemente pelo *O Combate*. Com os resultados eleitorais de 1950 se instalara no Maranhão o conflito que ficou conhecido como *greve de 1951*, dedico uma sessão mais à frente sofre este movimento.

### 3.1 Campanha eleitoral de Vargas

Tomado a decisão pela sua candidatura, Vargas coloca então na rua a sua campanha eleitoral, devido ao fato do grupo nacionalista ter vencido as eleições para a diretoria do clube militar naquele mesmo ano, acabara então por decidir enfrentar o pleito, Vargas entendia que sua candidatura vinha do clamor do povo e não necessariamente da sua vontade de voltar ao poder, com sua tônica populista assim ele se expressava, o historiador Sergio Lamarão assim descreve a campanha eleitoral de Vargas.

A campanha eleitoral de Getúlio Vargas foi aberta no dia 9 de agosto de 1950, em Porto Alegre, e encerrada em 30 de setembro, em São Borja. Da capital gaúcha, o ex-presidente seguiu para São Paulo e daí para o Rio de Janeiro. Da capital federal dirigiu-se para o interior de Minas Gerais (Pirapora) e daí para o interior maranhense (Carolina). Percorreu o Norte e veio descendo o Nordeste, parando na Bahia, onde falou em quatro cidades. Em seguida, visitou o Espírito Santo e o Estado do Rio, onde falou igualmente em quatro cidades. A etapa posterior incluiu os estados de Minas, Goiás e Mato Grosso, visitando depois o interior de São Paulo e finalmente o Sul. Nesses 53 dias, Vargas esteve em todos os 20 estados brasileiros e no Distrito Federal, tendo visitado todas as capitais estaduais e o Rio de Janeiro e mais 54 cidades. Dedicou atenção especial a três estados: Rio Grande do Sul (21 cidades), São Paulo (14) e Minas Gerais (sete). (LAMARÃO, sem data, p. 213-214)

A principal estratégia de Vargas em seus comícios pelo Brasil, era ter em mãos o conhecimento dos problemas econômicos e sócias de cada região, ele conhecia muito bem os diversos “brasis” observava os problemas de cada localidade e assim os utilizava em seu favor, vejamos o que diz Sergio Lamarão sobre sua estratégia.

Sua estratégia foi abordar, em cada cidade, o tema que falava mais de perto à platéia local. Assim, se na Amazônia os pontos enfatizados foram

nacionalismo e borracha, no Paraná, dedicou-se sobretudo ao café e no Mato Grosso à pecuária. O nacionalismo foi novamente a palavra-chave na Bahia, ao lado de petróleo, cacau e aproveitamento do rio São Francisco. No Estado do Rio, a tônica foi a situação da lavoura canavieira, em Campos, e a siderurgia, em Volta Redonda, ao passo que no Ceará os problemas da seca concentraram as suas atenções. (LAMARÃO, sem data, p.214)

Assim seguia a campanha de Getúlio, com críticas ao governo Dutra, principalmente em relação à condução da economia. Durante toda sua campanha Vargas enaltecia dois pontos que para ele eram necessários para o bom crescimento e desenvolvimento do país, eram eles: A reforma social e a Questão nacional, além desses dois, Vargas apresentava em seus comícios que o Brasil precisava acelerar sua indústria, apesar de não ter os principais veículos de informação ao seu lado já que estes eram lhe hostis devido a repressão por estes sofrida durante o Estado Novo, a maioria dos Jornais eram ligados a UDN partido declaradamente anti-getulista.

Os outros candidatos a presidência, focavam em seus pontos fortes, o Brigadeiro Eduardo Gomes com forte publicidade em jornais e rádios, afinal a UDN exercia grande controle sobre os jornais da época. Assim como acontece com o periódico aqui estudado apesar de *O combate* ser um órgão direto do PR, devido ao acordo feito pelo PR maranhense e demais partidos que formavam no maranhão as “oposições coligadas” estes decidiram por apoiar Eduardo Gomes, Eduardo Gomes seguia pelo Brasil em busca de votos, com o apoio forte da publicidade. Já Cristiano Machado concentrou seus esforços onde já exercia forte apoio Minas Gerais.

Enquanto isso Vargas seguia sua campanha com caminhões de som que cantarolavam a canção icônica que trazia os seguintes versos “bota o retrato do velho, bota no mesmo lugar” “*o sorriso do velhinho faz a gente trabalhar*” feita exclusivamente ambientando o seu retorno na canção eleitoral Vargas aproveitara para dizer que a sua volta traria o crescimento econômico e a saída de muitos trabalhadores do desemprego.

Embora o Jornal *O combate* não estivesse do lado de Vargas, este o economizou acusações, e editoriais que o comparassem com os outros candidatos, o periódico se preocupou somente em exaltar as qualidades do seu candidato, e também por inúmeros editoriais posicionar-se contra as ambições eleitorais de Vitorino Freire, porém o mesmo não se repetiria pouco tempo depois da diplomação de Vargas e principalmente em relação aos resultados das eleições estadual maranhense.

### 3.2 O Combate nas eleições de 1950

Durante o pleito de 1950 o periódico *O Combate* fazia campanha ao candidato da UDN, Eduardo Gomes, dentro da coligação das oposições coligadas este foi o candidato escolhido. Como foi dito este Jornal era de propriedade de Lino Machado que tinha como orientação política o Partido Republicano, e este durante o as eleições de 1950 se juntaram no Maranhão com outros partidos formando assim as oposições coligadas (PSD, UDN, PSP, PTB, PR, PL).

O interessante de se notar aqui é a união desses partidos, para fazer frente a oligarquia comandada por Vitorino Freire, há também de se esclarecer que diante disto, Vargas na chapa populista, não fazia campanha para nenhum dos principais candidatos ao governo do Maranhão, talvez por este fato Vargas não teria conseguido vencer, levando em consideração somente os resultados da apuração das urnas maranhenses.

Foi assim durante toda a campanha, de um lado temos o candidato de Vitorino, Eugênio Barros e do outro o candidato das oposições coligadas Saturnino Belo, Satú como chamado pelo jornal, Saturnino Belo rompeu com Vitorino pelo fato deste não ter cumprido o acordo de Teresina, Saturnino então caiu como uma luva nas mãos das oposições para fazer frente ao candidato de Freire. Em relação ao candidato das oposições Saturnino foi “endeusado e estimulado ao rompimento com o situacionismo, esquecendo de repente, a marca vitorinista que carregava” (BUZAR, 1998, p 76 Apud LIMA, 2010, p 169) comumente chamado de Satú Belo, inclusive pelo próprio periódico aqui pesquisado.

O resultado das eleições estaduais não foi nada satisfatório para as oposições coligadas, o seu candidato Saturnino belo perdeu para Eugênio Barros candidato apoiado por Vitorino Freire e além de ter perdido Saturnino faleceu pouco tempo depois de Acidente Vascular Cerebral (AVC), Satú foi transformado pela mídia comandada pelas oposições coligadas em um guerreiro que lutava junto a eles pela libertação do Maranhão, foi mais um cadáver amplamente explorado pelas oposições assim como afirma Wagner Cabral(2006).

Foi durante esse período que começou o desenrolar da disputa política, diante da posse de Eugênio Barros o Jornal acusava o candidato de Vitorino de fraude eleitoral como podemos perceber neste editorial intitulado *Desgraçado povo que tal justiça tem!!!*.



Destas colunas fomos os primeiros a denunciar ao povo de nossa terra e ao Brasil que a maioria da nossa magistratura estava comprometida com o partido governista a ponto tal de não merecer de ninguém em ocasião alguma qualquer parcela de respeito e confiança de suas decisões, os fariseus do episódio no entanto, era desbragada fúria e negando a verdade dos fatos atira-nos á face os mais grosseiros insultos. Conscientes de que afirmamos repelimos, com a altivez própria dos que não mentem, os embusteiros, os quais, não obstante, sempre contestavam quando de torpe denunciávamos tramar o partido da situação com a cumplicidade de juízes eleitorais, na ânsia incontida daquele de ganhar as eleições ainda que por processos ilícitos. Nesse instante crucial para a nossa vida política o Tribunal Regional Eleitoral fez-se de orelhas moucas às nossas advertências e aos gritos angustiosos dos que, sob o guande de tremenda opressão, lhe imploravam justiça! (Jornal O Combate, 19 de novembro, 1950, p.04)

O embate político no Maranhão desse período irá culminar no movimento oposicionista intitulado Greve de 1951, movimento no qual era abordado com frequência a corrupção no ambiente político maranhense dominado pela oligarquia comandada por Vitorino Freire, as oposições coligadas detentoras da maioria dos meios de informação maranhense não se cansavam de produzir textos esclarecendo aos seus leitores que era preciso lutar contra os velhos métodos até então comuns no Maranhão.

### **3.3 A greve de 1951 no Maranhão**

O movimento que ficou conhecido como *greve de 1951*, foi ocasionado devido a insatisfação das oposições coligadas com os resultados da apuração das eleições estaduais no Maranhão, este movimento tinha como objetivo impedir a posse de Eugênio de Barros, candidato vitorinista, as oposições alegavam que o processo eleitoral teria sido fraudado pelo grupo de Vitorino Freire, isto é claro pelo fato do:

Tribunal Regional Eleitoral anulando um número expressivo de sessões eleitorais, principalmente da capital, totalizando cerca de 16 mil votos em 87 urnas e mais 6 urnas de sessões que não se reuniram, deu margem a que Eugênio de Barros ficasse na frente de Satu, com uma diferença em torno de seis mil sufrágios.(BUZAR, 1998 p.20)

A *campanha da libertação* assim como também ficou conhecido o movimento, teve grande apoio da imprensa local, tanto falada como escrita, com o discurso afiado e engajado em expulsar Vitorino Freire da política estadual, as oposições viram nesse episódio o momento oportuno em que poderiam unir forças, para assim alcançarem o poder político já que através das eleições isto não ter sido possível mediante os fatos apresentados por eles. Wagner Cabral caracteriza o movimento de uma forma mais expressiva vejamos:

A *greve de 1951* foi um momento fundamental na definição dos eixos do discurso oposicionista: o combate à fraude eleitoral e à corrupção administrativa, preconizando a “moralização dos costumes políticos” no Maranhão e a democratização do direito de voto (a “verdade eleitoral”), com o que se pretendia obter a eliminação da **ocupação** vitorinista e alcançar a sonhada **independência** do Maranhão. (COSTA, 2006 p.85-86)

Os discursos das oposições eram repletos de simbologias e significados, usavam de muita criatividade em seus textos, não ficando a par de tudo isso o Jornal *O combate* também atacava diariamente Vitorino e seu grupo, não tão somente falando dos atos corruptos exercidos por seu inimigo, mas também expondo que Vitorino não era simpatizante de Vargas, expondo isto acredito que eles tentavam conseguir o apoio de Vargas.

O lançamento da terceira candidatura teve enorme repercussão nacional, sendo recebida, em delírio pela massa queremista que aspira o retorno de Vargas ao catete.

Lembrem-se todos, não só aqui mas em todo o resto do país, a promessa solene feita de público, por Vitorino de se candidatar à presidência, no caso do senador gaúcho vir a ser candidato, como já o é. (O Combate 16/06/1950 p.4)

Neste editorial ainda anterior ao movimento de 1951, demonstra como o periódico tende a não deixar se esquecer das promessas de Vitorino, já que este se posicionava contrário a candidatura de Getúlio, e teria segundo *O Combate* prometido se candidatar à presidência para assim obviamente tentar derrotar o velho ditador, Vitorino apenas consegue concorrer como vice, sem expressivo número votos. Este episódio é fundamentalmente lembrado durante a crise de 1951 no Maranhão, estabelecendo a impressão de conseguir que Getúlio ficasse do seu lado.

Assegurou o Bacana que assim o faria que, não pela vaidade de vir a ser o sucessor de Dutra, mas para demonstrar que, diante de seu, o prestígio de Vargas junto ao povo brasileiro, não valia nem dois caracóis amassados.

Assim, esperam-se grandes acontecimentos políticos locais, destinados a uma estrondosa repercussão nacional.

Boateja-se já na praça Joao Lisboa, que estão cêdo lhe permita a insidiosa furunculosa que o persegue o coronel – governador para salvar a honra empenhada por Vitorino naquela celebre promessa lançara o Bacana como o quarto candidato.

E como aqui, por azar, não existia nenhuma colina do Ipiranga, o Sr. Sebastião Archer usará, mesmo o modesto Outeiro do Giz para lançar a candidatura do grande competidor de Vargas, do Brigadeiro e de Cristiano. (O Combate 16/06/1950 p.4)

Como vemos acima o combate usava de muita criatividade para ofender Vitorino, não obstante a este fato, que se fazem comparação pois Vargas já que lançara sua candidatura nos altos do Ipiranga e aqui não havendo tão nobre local, somente sobrar para Vitorino o Outeiro do Giz.

Não sendo esquecido pelas oposições o fato de Vitorino por grande parte desmerecer Vargas, assim durante a crise e já eleito Vargas. Sempre que podiam lembravam a oposição de Vitorino a Vargas afim é claro de conseguir que Vargas intervisse e apoiasse as oposições. Apesar de tudo isto as oposições não conseguiram da forma que queriam o apoio de Vargas, logo ao assumir o cargo de presidente Getúlio adotara uma política de conciliação, infeliz erro que cometeu, explicarei melhor isto no próximo capítulo.

Ele, o povo brasileiro, vencera galhardamente todos os obstáculos, sem tibieza e sem desfalecimentos, elegera o seu candidato, o Senador Getúlio Vargas, Presidente que passa a constituir o mais legítimo florão de gloria para a nação brasileira e o mais justo orgulho do povo do Brasil. - O Maranhão – Não houve sacrifício que o fizesse recuar da luta. Seu ideal era um só, e ele, o realizou: eleger Getúlio, Presidente, e eleger Satú, seu ídolo, governador do Maranhão (Jornal O Combate, 21 de dezembro de 1950 p.04)

*O Combate* deixa claro que apesar de não ter sido partidário de Vargas, acaba por parabeniza-lo pela vitória nas urnas, demonstrando assim o desejo dos brasileiros e consequentemente dos maranhenses em eleger Getúlio e Saturnino Belo.

Este momento tão importante para história do Maranhão é repleto de simbologias e invenções espetaculares criadas para despertar o sentimento patriótico contra o "monstro" que assolava o Maranhão, com o desenrolar da crise o candidato das oposições Saturnino Belo viera a falecer e com o falecimento de tal não sobraria outra opção a não ser diplomar Eugênio Barros, é importante salientar que Saturnino era anteriormente do mesmo grupo que Vitorino, tendo então rompido com o mesmo, sendo assim:

Como sempre, desejoso de atender aos interesses da facção dominante o TRE se precipitou e mandou expedir o diploma ao Sr. Eugênio Barros, simplesmente porque, no término das apurações, este candidato tinha a maioria de 6 mil votos e o seu competidor havia morrido. (BUZAR, 1998 p. 23)

As oposições desejavam a realização de eleições suplementares, mas com a morte de Satú, isto já não era necessário afinal o candidato opositor tinha falecido, este é um dos fatores que acentuam a crise, pois Tribunal Regional Eleitoral saí a frente e diploma Eugênio

Barros, sem esperar a decisão do Tribunal Superior Eleitoral, estava nesse momento instaurada a crise, a oposição através de recursos tentavam de todas as forma evitar a posse do candidato Vitorinista, além do âmbito jurídico as oposições organizaram uma estrondosa concentração popular, no largo do Carmo (BUZAR, 1998 p.24), entre frases de ordem a *campanha da libertação*, incentivava os cidadãos a não desistirem.

A imprensa opositora usava de todos os meios e modos simbólicos e alegóricos para expressar a sua indignação com a situação, Wagner Cabral no capítulo 4 da sua dissertação, intitulada “*Sob o signo da morte: o poder oligárquico de Victorino a Sarney*”, demonstra as diversas simbologias e ideais defendidos pelas oposições e veiculadas pela imprensa local a *Invenção da ilha rebelde*.

Em épocas de acentuada crise política se intensifica o processo de elaboração de representações sociais, símbolos e idéias-imagens (*idées-images*) por parte dos diferentes grupos em conflito, disputando a legitimidade do exercício do poder político. (COSTA, 2006 p.85)

As oposições tiveram que aceitar a derrota e apesar de terem liderados um movimento tão intenso, não conseguiram alcançar o seu objetivo, a *balaiada urbana* assim como também ficou conhecida teve fim, um movimento heterogêneo que buscava vencer a oligarquia Vitorinista, a vida voltaria ao normal com as disputas perpetradas pelos políticos em torno de cargos públicos.

### **3.4 Repercussão da vitória de Getúlio Vargas em *O Combate***

Afinal depois de extensa campanha eleitoral eis que o velho ditador volta ao posto de chefe de Estado e dessa vez amparado pelos braços do povo brasileiro e governando com o aparelho democrático. De forma democrática Getúlio Vargas consegue se eleger presidente, obviamente que as oposições naturais a Getúlio não ficariam satisfeitas com o resultado das urnas e logo começaram a se movimentar para impugnar a eleição dele, se utilizando de uma brecha na constituição a UDN entra como uma ação contra a posse de Getúlio Vargas, pois este não tinha alcançado a maioria absoluta dos voto, os udenistas trataram logo de se movimentar em meio ao rebuliço eleitoral e tentar no supremo tribunal eleitoral impugnar a eleição de Vargas.

O jornal *O Combate* é claro se pronuncia em relação ao ocorrido, principalmente felicitando a eleição daquele que não era o seu candidato, mas que respeitando a opinião da maioria a este não fariam nenhuma objeção. Em editorial de 20 de novembro de 1950 podemos observar o apoio dado pelo periódico a diplomação de Vargas:

Partidários que fomos da candidatura do eminente Sr. Brigadeiro Eduardo Gomes, nos sentimos, por isso mesmo, à vontade, nessa questão da maioria absoluta com que se procura evitar a ascensão de Vargas à presidência da República. Atentando-se bem para o ponto de vista do ilustre General Canrobert, conclui-se, sem maior esforço, pelas justas razões do bravo militar, não reconhecendo motivo para a maioria absoluta “a posteriori” do pronunciamento das urnas de que saiu vitorioso o Senador Getúlio Vargas. Muito embora tenha sido eleito em um pleito de que resultou a derrota do nosso candidato, teremos, como patriotas, que aceitar com o mais respeitoso acatamento, a decisão do povo, que é, no caso, o supremo Juiz decidindo em favor do chefe populista. Eleito o senador gaúcho, teremos que acatar a deliberação das massas, emprestando ao seu governo o nosso apoio na defesa que nos cumpre dos princípios democráticos para felicidade do Brasil. A hora angustiosa que passa, de apreensão para todos os povos, não poderemos, como patriotas, desprezar os interesses gerais da nação, que reclama de todos o exato cumprimento dos deveres cívicos, contra a anarquia a que nos pretendem reduzir os insatisfeitos, perante os outros países do continente Americano. Vargas foi eleito presidente da república e não deve surgir, por isso mesmo, qualquer lesão ao seu direito de assumir o governo no dia 31 de janeiro, como previsto na Constituição Federal. Fosse a tese da maioria absoluta estudada a priori certo que se teria que cumprir o preceito da lei, sem essas divergências que só tem servido de impecilho à implantação definitiva do regime democrático. Quando os homens tentam impedir pela chicana, como no caso do Maranhão, que o povo tome a posse de si mesmo, é que já não se acredita na justiça que se tornou, assim, às mãos dos manipuladores das reformas constitucionais um simples balão de espuma, sem ramo certo, à mercê dos ventos. Por isso é que louvamos o gesto altivo e digno do ilustre Ministro da Guerra do Brasil o General Canrobert Pereira da Costa. (Jornal *O Combate*, 20 de novembro de 1950, p. 01 e 04)

Os resultados das eleições estaduais não foram nada satisfatórios para as oposições no Maranhão, o que se percebe é uma aproximação do seu discurso incorrendo no propósito de conseguir apoio de Vargas no movimento da greve de 1951, como vimos na sessão acima por vezes os diálogos do próprio periódico se assemelham com os ideais pregados por Vargas durante sua campanha eleitoral. Assim como acusavam anteriormente Vitorino Freire de “adular” Getúlio os mesmos faziam agora na busca por obter uma intervenção satisfatória por parte do chefe populista.

Ao se eleger presidente no pleito de 1950, Getúlio Vargas se mostrava vivo na memória do povo e apesar de ter ostentado o cargo de ditador, consegue assim mesmo voltar

ao poder através do voto popular dando assim continuidade ao período democrático. O Brasil clamava por mudança no cenário político, o então presidente Dutra em nada tinha feito para melhorar a situação do país, deixaria o cargo com uma péssima imagem, Getúlio mais uma vez estava de volta ao catete.

Vargas encontrou um cenário bem diferente daquele que deixou no fim do seu primeiro governo, Dutra não conseguiu dar ênfase a indústria nacional e o seu engajamento no projeto liberal não funcionou bem, mais uma vez o país mais importava do que exportava, o que é péssimo para a economia o que reflete então no crescimento da inflação, Vargas surge novamente para colocar ordem na casa, porém agora teria que lidar com um sistema ao qual não estava acostumado o sistema democrático, isto claro irá refletir nos problemas que enfrentará durante seu governo.

#### 4 SEGUNDO GOVERNO VARGAS

Vitorioso no pleito de 1950, tendo conquistado 48,73% dos votos válidos, Vargas ficou à frente de seus adversários em 17 estados, o segundo mais bem votado Eduardo Gomes da UDN conseguiu 29,66% dos votos, conseguindo ficar à frente de Getúlio em 3 estados, o terceiro candidato Cristiano Machado, recebeu 21,49% dos votos, liderando em 4 estados, no Maranhão Cristiano ficou à frente dos demais candidatos presidenciais, vencido o pleito, agora restava forma a base do governo. Para vice-presidência o Vitorioso foi Café Filho como podemos constatar com os dados abaixo:

Entre os candidatos a vice-presidente, o companheiro de chapa de Getúlio, Café Filho, foi eleito com 2.520.790 votos, suplantando em cerca de 175 mil votos o seu principal concorrente, o udenista Odilon Braga (2.344.841 votos). Altino Arantes, da chapa pessedista, veio em terceiro, apresentando um número de votos – 1.649.309 – bastante próximo ao do cabeça da chapa, Cristiano Machado. Vitorino Freire, que se lançou à disputa como candidato avulso pelo Partido Social Trabalhista, ficou bem atrás, obtendo 524.079 votos. E, finalmente, em último lugar, o candidato do PSB, Alípio Correia Neto, que reuniu apenas 10.800 sufrágios em seu favor. (LAMARÃO, sem data, p. 59-60)

A UDN não satisfeita com o resultado das eleições tentou subjugar a candidatura de Vargas mediante ao fato do adversário não ter alcançado a maioria absoluta dos votos, *O Combate* diante desta interposição da UDN se manifesta em favor de Vargas como podemos ver nesse editorial.

Partidários que fomos da candidatura do eminente Sr. Brigadeiro Eduardo Gomes, nos sentimos, por isso mesmo, à vontade, nessa questão da maioria absoluta com que se procura evitar a ascensão de Vargas à presidência da República. (...). Muito embora tenha sido eleito em um pleito de que resultou a derrota do nosso candidato, teremos como patriotas, aceitar com mais respeitoso acatamento, a decisão do povo, que é, no caso, o supremo juiz decidindo em favor do chefe populista. Eleito o senador gaúcho, teremos que acatar a deliberação das massas, emprestando ao seu governo o nosso apoio, na defesa que nos cumpre dos princípios democráticos para a felicidade do Brasil. (*O Combate* 20 de novembro de 1950 p.1)

Como podemos perceber no trecho acima, *O Combate* nesse primeiro momento se coloca à favor de Vargas, sabendo que o Jornal não é udenista e tão pouco petebista, sob orientação do Partido Republicano, e diante do impasse político que acontecia nesse período no Maranhão o periódico assim como todos que compunham as oposições coligadas, queriam chamar a atenção de Vargas, isto é claro também mostrar para a população que estavam do

lado dele, tentando assim tirar proveito desta situação da qual se julgavam vítimas das atrocidades do grupo político de Vitorino Freire.

Vargas agora de posse do poder mais uma vez, porém com uma grande exceção, afinal ele era inexperiente no campo democrático por todas as vezes que alcançou o poder tinha sido por via indireta, não tão somente nesse campo, mas as dificuldades de Vargas se expandiam, pois, o seu governo vinha a suceder um governo ainda bastante inexperiente em termos políticos econômicos.

Mesmo que pareça normal é no mínimo curioso entender como um ex-ditador consegue voltar ao poder por vias democráticas, sem alçar nenhum golpe, bem Vargas conseguiu isto através do seu discurso demagógico e populista, seus discursos falavam diretamente aquilo que a grande população queria ouvir, como tinha muito conhecimento do Brasil e dos diversos “brasis”, tinha o conhecimento que seus adversários não tinham.

Através dos seus discursos também conseguia apoio da classe operaria e uma parcela da classe média, porém a UDN se mostrava mais atraente para a classe média, é importante salientar que durante esse período o voto era proibido para os analfabetos, sendo assim por isso é difícil encontrarmos discursos tanto de Vargas como de seus adversários, que se direcionassem a população do campo, já que sua grande maioria era analfabeta.

A historiadora Maria Celina Soares D`Araújo(1992) elenca alguns fatores que foram importantes para a vitória de Vargas, um deles é o fato de grande parte dos sindicatos terem ficado sob intervenção, gerando assim descontentamento nos setores populares, outro ponto interessante foi a falta de consenso entre o PSD e UDN em torno de um candidato de união nacional, esses dois partidos juntos poderiam ter vencido a aliança de Vargas, mas devido a sua falta de consenso não conseguiram, sendo então que cada partido lançou o seu candidato.

Ainda em se tratando da falta de consenso entre os grandes partidos e dentro dos mesmos, temos no PSD uma cisão, alguns apoiavam a candidatura de Vargas, fazendo assim surgir o termo cristianizar, em relação ao seu candidato oficial, devido ao forte movimento queremista dentro do PSD alguns setores foram liberados e podendo assim apoiar a Vargas.

Outro ponto favorável a Vargas foi o medo do avanço do comunismo, a cúpula militar temia o avanço do comunismo com a mudança de governo, já que durante o período



ditatorial Vargas perseguiu e tornou o Partido Comunista ilegal no país acabava por ser um alento ao avanço do comunismo.

Ainda dentro dos fatores que incorrem na vitória de Vargas, está a sua aliança com o populista Adhemar Barros governador de São Paulo, dessa aliança Vargas herdou muitas dividas eleitorais, uma delas era apoiar Adhemar nas próximas eleições presidenciais, além das dívidas com Adhemar, Vargas teria que cumprir suas promessas de aliança com João Cleofas, partidário da UDN e chefe político da UDN em Pernambuco, sendo assim sua eleição foi conseguida através de uma aliança heterogênea o que irá refletir no cenário de crise, do seu governo.

Na compreensão de Vargas, sua candidatura surgia em decorrência de um apelo popular, direto e da incapacidade do sistema partidário de gerar uma solução mais adequada às necessidades nacionais, se aceitava a incumbência de concorrer à chefia da nação, fazia o apenas em nome de um compromisso direto e estrito com o povo. (D'ARAÚJO, 1992 p.93).

É interessante notar que Vargas se apresenta para fins práticos como um candidato apartidário, podemos perceber isto, através das suas alianças, Vargas conseguiu ao longo da sua carreira política se tornar um político acima dos partidos, isto obviamente irá refletir na queda da validação e do reconhecimento dos partidos como agentes das decisões e interesses dos partidos.

O fato do getulismo extrapolar a existência formal dos partidos possibilitou uma maleabilidade maior para os arranjos políticos que o levaram à vitória eleitoral, ocasionando, simultaneamente, um enfraquecimento de compromissos no que toca às organizações partidárias, que de fato ficaram liberadas para a realização de composições momentâneas que melhor atendessem a seus interesses específicos. (D'ARAÚJO, 1992, p,24)

Podemos entender que a própria figura de Vargas consegue se mostrar além dos partidos, este fato obviamente acabou por retardar o processo de estruturação dos partidos, haverá ainda maior enfraquecimento desses partidos durante o curto espaço entre o ano de 1954 ao ano do golpe empresarial-militar <sup>9</sup> de 1964, golpe no qual começa a se estruturar já nesse período, porém sem força, pois as forças militares ainda não estavam unificadas entre si, nas palavras de D'ARAÚJO (1992) “as forças armadas não representavam um bloco coeso em termos políticos e ideológicos” podemos perceber diversos agentes que estão presentes na queda de Vargas durante o seu segundo governo, os mesmos agentes se apresentam na base

---

<sup>9</sup> Termo criado por René Dreifuss, que explica a participação da sociedade civil para consolidação do golpe militar de 1964.

do golpe empresarial-militar, como exemplo, a UDN, o inimigo número um de Vargas, o jovem jornalista Carlos Lacerda <sup>10</sup>um dos grandes apoiadores do golpe, parte da imprensa como o jornal *O Globo*, a LEC(Liga Eleitoral Católica) existem outros agentes, aqui fica estes como princípio de comparação.

Trazendo um pouco esse cenário político nacional, para perto do estadual, se houve falta de consenso entre os partidos a nível nacional em escolher um candidato, no Maranhão isso não acontece, praticamente todos os partidos se unem em torno de um único objetivo acabar com o poder político de Vitorino Freire, formando assim a já mencionadas oposições coligadas. O Combate durante o mês de janeiro de 1951, estampava em suas matérias deliberadas boas-vindas ao Presidente Getúlio Vargas, como podemos constatar abaixo.

#### O Regosijo do povo

A posse de Getúlio Vargas marcará uma época em plagas maranhenses

O povo prepara, entusiasmado e fremente de justificado contentamento, ruidosas e prolongadas festas em comemoração à posse no dia 31 de janeiro, do Presidente eleito do Brasil, Senador Getúlio Vargas.

Eleito pela vontade do povo brasileiro, o Presidente Vargas volta ao poder tangido pelo imperativo do desejo dos trabalhadores nacionais, justamente quando, as nossas portas, bate a ameaça de uma guerra. (O Combate 4 de janeiro de 1951 p 2)

A vitória de Vargas é bem recebida pelo periódico, e nele depositam a sua esperança em conseguir à vitória do seu candidato, diante da crise instaurada no Maranhão nesse período.

#### 4.1 Formação da base de governo

Durante a formação da sua base de governo Vargas decide por, testar esquemas conciliatórios que possam atender simultaneamente a interesses regionais, partidários e de ordem particular. (D'ARAÚJO, 1992, p, 119), a conhecida política de conciliação, atentando é claro para algumas especificações, como as indicações de Adhemar de Barros, indicando assim os presidentes do Banco do Brasil e do Ministério da Fazenda, essa primeira fase do

---

<sup>10</sup> Jornalista e político, inimigo declarado de Vargas iniciou em 1950 extensa campanha contra a eleição de Vargas a presidência, em conjunto com a UDN acusavam Vargas com diversas denúncias expostas principalmente em seu jornal, *Tribuna da Imprensa*, o atentado que viria a sofrer em 1954, com isto acusou Vargas de ser o mandante do crime, com isto intensificou o processo de desmoralização política de Vargas.

governo ficou conhecido como ministério da experiência, nomes importantes como Estilac Leal para o ministério da guerra, no qual vem a dar mais validade ao governo, já que Estilac Leal era vinculado aos grupos nacionalistas, e estes viam com bons olhos às práticas de Vargas, principalmente às que se relacionavam com a exploração do petróleo e a criação de uma companhia estatal, na qual se realizaria na criação da Petrobrás. *O Combate* recebe bem a escolha de Estilac Leal para Ministro da Guerra, em diversos editoriais, o periódico exalta e busca demonstrar as qualidades do velho soldado, parabenizando assim à escolha de Vargas como podemos ver:

Estilac Leal, um grande Soldado!

Não permitamos que á sombra do nosso pavilhão vicejem os cardos e se multiplicam os vermes.

-O presidente Getúlio Vargas, tomando para seu Ministro da Guerra o General Estilac, sabia que a fibra do velho soldado se temperára no ostracismo glorioso de uma resistência física que o situara como sentinela avançado da nossa pátria, não sendo, por isso, de extranhar essa atitude com que nos desperta a admiração o chefe das forças armadas nacionais. (*O Combate* 08 de Janeiro de 1951 p 4)

Um dos principais elos de diferenças nessa primeira fase do governo se desloca pelo fato da escolha do Ministro do Exterior João Neves da Fontoura, que é incumbido de levar para frente o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, algo que já se contrapõe com os princípios da ala nacionalista das forças militares, isto faz com que às forças militares antigovernistas se fortalecem.

É importante observar que as primeiras dissensões ministeriais ocorrem exatamente nas esferas do PTB e da ala nacionalista militar, tidas como os principais pontos de sustentação do governo (D'ARAÚJO, 1992, p.120), essas dissensões começam a desequilibrar o governo que na figura de Vargas se ver necessário aglutinar ou trazer para perto seu principal inimigo a UDN,

Durante a composição do governo a uma incessante vontade de se introduzir a UDN na órbita governamental e de pacificar as ordens militares. O Ministério é o centro para o qual convergem as cogitações sobre novos arranjos políticos que possibilitem assegurar a união nacional e a maioria parlamentar. (D'ARAÚJO, 1992 p.121)

Um dos principais erros de Vargas, é dar espaço em seu governo para a UDN, isto refletirá na instalação da crise generalizada em seu governo, essa estratégia de se aproximar de seus inimigos usada por Vargas em seu primeiro governo não terá o mesmo

efeito de outrora, ao se aproximar dos dirigentes da UDN ele tentava ter o seu fortalecimento dentro da classe média urbana, já que grande parte da classe média era ligada à UDN.

Essas tentativas de aproximação com a UDN, que Getúlio nunca tornou públicas, fracassaram em seus objetivos. Mas conseguiram, entretanto, provocar a oposição de alguns líderes do PTB, cuja insatisfação com Vargas se tornara óbvia em setembro de 1951, com a renúncia do único ministro do PTB – o titular da pasta do trabalho, Danton Coelho. (SKIDMORE, 2010, p. 137)

Não se sabe ao certo o porquê da escolha de Vargas em se aproximar da UDN, certo que ele tinha compromissos com os dirigentes da UDN em Pernambuco, mas isto não o obrigava a dar tanto espaço a esse partido, o que acaba por provocar desentendimentos entre ele e os partidos da sua base, PSB e PTB.

Para essa primeira fase do governo temos a formação de uma base com os seguintes nomes, João Neves da Fontoura para o Ministério das Relações Exteriores, Ricardo Jafer para a Presidência do Banco do Brasil, Horácio Lafer para o Ministério da Fazenda sendo essas duas indicações de Adhemar de Barros, ainda:

O Ministério da Aviação e Obras Públicas, solicitado também por Amaral Peixoto, com base na votação que Vargas recebera no estado do Rio, acaba por ser entregue a um prócer do PSP – Álvaro Pereira de Sousa Lima -, também por indicação do Governador Paulista.

Minas gerais e Bahia fazem-se representar no ministério através de dois possedistas: Negrão de Lima (justiça), por influência de Juscelino Kubitschek, e Simões Filho (educação). Ao PTB se reserva a pasta do Trabalho, entregue a Danton Coelho. Para a Agricultura é escolhido udenista de Pernambuco, João Cleófas, seguindo uma lógica regional de entregar essa pasta a um estado do Nordeste. (D'ARAÚJO, 1992 p.119.)

O partido pelo qual Getúlio foi eleito não alcança expressiva participação, isto acaba por enfraquecer a imagem de Vargas diante dos militares, a busca incessante pela colaboração da UDN em seu plano de governo se torna o principal alvo de críticas tanto dos seus aliados, como da própria UDN, antigetulista por natureza, inclusive podemos concluir que o ponto de coesão desse partido é o antigetulismo, não é à toa que com a morte de Vargas, esse partido perde o seu elo de união.

Entre o período da posse de Vargas até a sua morte em 1954, podemos entender o seu governo como dividido em duas partes o primeiro que já mencionei chamado de ministério da experiência que vai de 1951 até 1953, quando começam as principais mudanças ministeriais, para D'ARAÚJO (1992) essa mudança não é exatamente a divisão do

governo Vargas em duas fases diferentes para ela apesar da necessidade do governo em reformular os compromissos, ela não representa uma mudança qualitativa, na verdade o que se tem é uma busca ou retomada do populismo trabalhista refletida na mudança da pasta do trabalho para o jovem João Goulart.

A reforma, na qual se atribui tanta importância se atribui na caracterização das orientações governamentais, traduz-se na substituição de seis dos sete ministros civis que integram o gabinete. A partir de junho de 1953, inicia-se o remanejamento que leva José Américo de Almeida, da UDN, para a pasta da Viação e Obras Públicas; Osvaldo Aranha, simpatizante udenista e amigo pessoal de Vargas, para a Fazenda; Tancredo Neves, do PSD, para a justiça; Vicente Rao, simpatizante udenista, para o Exterior; Antônio Balbino, do PSD, para a Educação; e João Goulart, do PTB, para a do Trabalho. Apenas o Ministério da Agricultura é poupado, e João Cleófas (UDN) nele permanece até maio de 1955, quando se demite para disputar novamente a sucessão estadual de Pernambuco. (D'ARAÚJO, 1992 p.128)

Essa mudança desagradava aos setores militares, porém acabou por agradar os setores conservadores da sociedade, um dos questionamentos da UDN em relação a eleição de Vargas era o seu medo de que Vargas se tornasse por via legal um ditador usando as vestes da democracia, no entanto isto não lhe era mais possível, talvez pela idade avançada ou mesmo por escolha, Vargas não gozava mais dos mesmos privilégios de antes, alçar um golpe sem o apoio decisivo dos militares estava fora de cogitação.

O desajuste no governo não passa despercebido em *O Combate*, que apesar de não tecer duras críticas ao governo, não fica quieto diante dos acontecimentos políticos, *O Combate* não se encaixa exatamente como um jornal opositor de Vargas, na verdade ele se apresenta como um periódico que reproduz o conteúdo dos jornais de circulação nacional, porém sem o caráter crítico ao governo estampados em jornais como, *A Tribuna da Imprensa*, *O estado de S. Paulo* e *O Globo*, em editorial de fevereiro de 1952, o periódico se ocupa em denunciar a situação de crise iniciado pela falta de consenso no governo:

O estandarte da fome

Agrava-se a situação política brasileira

-Os vespertinos cariocas ocupam-se, ontem, longamente, sobre a situação nacional, que se configura de aspecto verdadeiramente dramático e de acontecimentos imprevisíveis.

-A futura eleição no clube militar é um problema que enche de apreensão as correntes ligadas ao catê. (*O Combate* 09 de fevereiro de 1952 p. 4)

A eleição no clube militar poderia decidir os caminhos do governo já que como presidente, ele só poderia continuar no cargo enquanto contasse com o apoio da maioria da opinião militar. (SKIDMORE, 2010 p.142), Vargas perde parte do apoio, devido

principalmente pelo fato de dar continuidade ao Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, o que acaba por contrapor o posicionamento da ala nacionalista do exército, nesse momento representada por Estilac Leal, isto acabara por enfraquecer o governo ao longo do ano de 1952 e 1953.

#### O Ano do aumento dos preços

A situação se apresenta em termos de calamidade pública para os milhões de brasileiros das classes pobres. Para os operários pior remunerados, os beneficiados pela elevação do salário mínimo, essa ilusória melhoria, de resto ainda não efetivado, já está desde agora coberta pelo encarecimento incessante da vida.

E estes são os “melhores dias” que a demagogia presidencial de fim do ano prometeu para 1952. (*O Combate* 23 de Janeiro de 1952 p 2)

*O Combate* durante o ano de 1952 lembrava os leitores das promessas populistas, feitas por Vargas e que até o presente momento não tinham sido cumpridas, a inflação estava descontrolada e mesmo com o aumento do salário mínimo efetuada no final do ano de 1951, esse aumento na verdade veio apenas para complementar o aumento de preços, durante os anos Dutra o salário mínimo não tinha sofrido nenhuma alteração, a classe operaria urbana era a que mais sofria com o aumento do custo de vida. *O Combate* se pronuncia em relação as medidas de Vargas e o acusa de esquecer das suas promessas eleitorais:

#### O ostracismo – O destino político de Vargas – Eyder Paz

Depois que o Sr. Getúlio Vargas subiu as escadarias do poder, se divorciou dos sentimentos coletivos, tornou-se surdo aos clamores do sofrimento das massas proletárias, negando vergonhosamente o juramento que assumiu com o povo, na campanha demagógica de sua candidatura, em que assaltou que com as armas da mentira e da demagogia a consciência da gente brasileira, e agora, detendo em suas mãos o mando, relega na tortura inequisitorial de sua maldade agressiva maquiavelante e reacionário, ao mais completo abandono os problemas nacionais, como o da carestia da vida, pondo em prática uma política de inflação que provoca uma crise de fome, que arrasta um povo ao esfomeamento, e a miséria, cercado-se de exploradores do suor dos trabalhadores, de esfomeadores do operariado. (*O Combate* 01 de fevereiro de 1952 p 4)

Já prevendo que o destino de Vargas seria a deposição o jornal, ainda demonstra que Vargas esquecera das suas promessas, o país ainda era muito inexperiente em questões econômicas, Vargas teve que reestruturar todo o seu plano de governo a partir de 1953, já que as medidas anteriores não tinham surtido efeito. Ainda a infeliz decisão de aglutinar setores antigovernistas em sua base governamental, despertando assim, crises dentro do PTB, partido

pelo qual foi eleito, e também acaba por perder grande apoio da ala nacionalista dos setores militares.

A insatisfação popular gerada pelo descontrole da inflação veio mostrar efeito durante o segundo e terceiro ano do governo Vargas, a partir de 1953, Vargas resolve efetuar mudanças nos ministérios e na sua política econômica, era agora a tentativa de inserir uma nova estratégia política.

#### **4.2 Balança do Segundo Governo Vargas**

O nacionalismo econômico, portanto, poderia ser muito útil como meio de construir o consenso da opinião pública. O nacionalismo era um sentimento que poderia unir os brasileiros de diferentes classes e setores, dar-lhes um senso de comunidade. (SKIDMORE, 2010 p.145)

A medida de seguir pela via do desenvolvimento nacionalista, era um desafio muito perigoso, principalmente pelo fato das grandes potências do período não verem isso com bons olhos, se tratava de um período de radicalização das ideologias, lembrando que esse período é marcado pela incessante disputa velada entre União Soviética e Estados Unidos, qualquer medida que fosse criada com o intuito de desenvolver uma economia livre da dependência das potências soava como perigo.

Se durante o início do seu governo Vargas resolveu aceitar o apoio dos Estados Unidos, este mesmo se negaria a ajudar financeiramente países com projetos nacionalista, principalmente do controle de remessas de dinheiro para fora do país, Vargas ousou em seu projeto de emancipação econômica do Brasil, com a criação da Petrobrás, Eletrobrás, entre outras empresas estatais de geração de energia, empresas que seriam controladas pelo estado. Em um período em que o principal alvo de perseguição por partes dos países capitalistas era o comunismo, estas atitudes proferidas por Vargas ressoavam nada agradável.

Parte da imprensa que se apoiava em atacar Vargas, se queixavam principalmente pelo fato da perseguição exercida pela DIP, durante o período ditatorial, agora essa mesma imprensa usava de todas os meios para derrubar o velho ditador, o principal inimigo de Vargas era o jornalista Carlos Lacerda colunista do Jornal *Tribuna da Imprensa*, Lacerda se ocupava apenas em perseguir Getúlio “muitos políticos udenistas repudiavam as medidas extremas de Lacerda, pois esperavam que o Brasil sobrevivesse à presidência Vargas”

(SKIDMORE, 2010 p.160) os ataques vinham principalmente dos jornais da capital Rio de Janeiro.

Durante o ano de 1953, explodiu a notícia de corrupção que envolvia o Jornal *Última Hora*<sup>11</sup> o único jornal declaradamente governista, fundado por Samuel Wainer, amigo de Getúlio, era neste jornal que Vargas dava suas respostas às acusações feitas por seus inimigos, não demorou muito e foi denunciado por Lacerda o envolvimento de Vargas com empréstimos feitos ao Jornal *Última Hora*.

Além das suspeitas internas, levantaram também as suspeitas externas, oriundas sobretudo do Estados Unidos. Havia uma grande dúvida sobre Getúlio, que tinha sido derrubado no governo queremista e que voltava com toda a força pelo apoio dos trabalhadores e do povo, mas sem o apoio das elites. (ALMEIDA, sem data, p. 130-131).

Como podemos inferir a política econômica de Vargas, aliada ao clima da guerra fria existente durante a década de 1950, impossibilita a manutenção do governo, Vargas acabaria deposto, não é à toa que a UDN entrou com pedido de impeachment no congresso em 1954, a UDN tentou impedir a posse de Vargas em 1951, e agora já em 1954, iniciava o pedido de impeachment do presidente, o cerco estava se fechando para Vargas.

Vários amigos íntimos e seguidores de Vargas observavam, com angústia, a deterioração da oposição política de presidente. A principal frente dos ataques de oposição, concordavam eles, era o combativo jornalista Carlos Lacerda. Se ele pudesse ser tirado de cena, talvez fosse possível remediar a situação. (SKIDMORE, 2010, p. 173).

*O Combate* durante o período em que Vargas era acusado pela imprensa nacional de corrupção não publica textos, que ataquem a imagem de Getúlio, apenas reproduz algumas notas, muito superficiais sobre o tema, talvez por opção, os redatores resolveram não seguir o padrão dos vespertinos cariocas.

Existem alguns fatores que podemos citar que levaram o governo Vargas à crise, o primeiro seria a falta de apoio da mídia, os constantes ataques da imprensa getulista enfraqueciam a imagem de Getúlio diante da população.

O segundo ponto é a falta de apoio da cúpula militar, neste período era praticamente impossível governar sem o apoio dos setores militares. Em terceiro lugar a formação da sua base governamental, heterogênea e a sua infeliz decisão de incluir a UDN em suas pastas. Quarto ponto é o fato do envolvimento de Vargas com os escândalos que

---

<sup>11</sup> Fundado por Samuel Wainer em 1951, jornal governista que no mesmo período foi relacionado e acusado de receber empréstimos facilitados por Vargas.



envolviam o jornal *Última Hora*, existem ainda outros fatores, como o fim da comissão mista Brasil-Estados Unidos o que diminuiu em muito a vinda de investimentos para o país.

### 4.3 O trágico Suicídio

Fortunato, negro analfabeto do Rio Grande do Sul, que servia fielmente a Vargas havia mais de trinta anos, viu uma oportunidade de prestar seu maior serviço ao presidente. Sem que Vargas Soubesse, tomou providências para que um pistoleiro profissional assassinasse Lacerda. (SKIDMORE, 2010, p. 173)

Devido a praticamente toda a imprensa está contra seu governo, Vargas estava sendo desmoralizado, com o passar dos dias, sua imagem estava cada vez mais desfigurada, agora Vargas carregava o status de corrupto, seu principal inimigo Carlos Lacerda diariamente publicava matérias contra o seu governo, se a figura de Carlos Lacerda sumisse talvez a situação de crise em seu governo poderia ser revertida pelo menos assim pensava seu fiel segurança, Fortunato, como explica SKIDMORE (2010), no parágrafo acima.

Vargas sempre zelou muito por sua imagem pública costumado a ser amado por todos os brasileiros, ser deposto pela segunda vez não era muito agradável, ainda mais da forma como estava para acontecer.

O atentado de 05 de agosto de 1954, contra o jornalista Carlos Lacerda, viria por ser a gota d'água para intensificar a artilharia da imprensa contra Vargas, acusado de ser o mandante do atentado, Vargas viu sua moral ser destruída diante do povo, povo aquele ao qual direcionava seus discursos extremamente demagógicos. Até solucionarem o caso do atentado diversos jornais especulavam quem teria sido o mandante do crime, *O combate* inclusive publica em diversas editorias textos que tentam apontar o mandante do crime, Carlos Lacerda atirava para todos os lados por vezes acusava Alzira Vargas, Benjamim Vargas e Lutero Vargas.

#### O Brasil exige a Renúncia (Pedro Dantas)

Já agora, é o clamor nacional. A reação popular contra a oligarquia estendeu-se por todo o país. Reinam também nos Estados a indignação e a revolta que dominam a capital da república. (...) o que se tem passado na cidade e no país, não é apenas a prova da condenação de um crime, é, também, e principalmente, a condenação de um homem e seu governo, seus métodos, suas concepções e seus planos políticos. (20 de agosto de 1954 p.5)

Podemos ver acima, como o jornal, acaba por aderir à campanha midiática de renúncia de Vargas, como que já determinando Vargas como o mandante do crime o jornal declara também o fim do seu governo, bem podemos notar que o jornal em si não produz textos próprios contra Vargas, todos os textos que aparecem no periódico são assinados ou reproduzidos de discursos e até de textos de outros periódicos. Os textos que poderiam carregar a opinião do jornal seriam aqueles assinados pelo seu redator e proprietário Lino Machado, dentro da análise dos textos se defere a tentativa do jornal em ficar em cima do muro, uma estratégia ou não do periódico.

Quando Vargas se suicida em 24 de agosto de 1954, o jornal edita uma matéria de primeira página com o seguinte título “*Getúlio suicidou-se com um tiro no coração*”. Anexado a foto de perfil de Vargas, agora lamentando a morte do velho ditador, bem diferente dos seus textos de dias anteriores.

#### Morreu o Sr. Getúlio Vargas (Durval Prazeres)

A morte trágica à manhã de hoje, do sr, Getúlio Vargas, cobre de pesado luto o Brasil e consterna sinceramente a Nação Brasileira. Posto de lado os erros em que porventura tenha incidido como político e como homem público, o sr Getúlio Vargas foi, não o negamos um grande. A pátria está de Luto! E o povo brasileiro tem a alma vestida de crepe. (24 de agosto de 1954 p.1)

Agora era o momento de se redimir, a população que até o dia anterior estava revoltada com o governo Vargas, agora se voltava contra a mídia antigetulista, Vargas muda de criminoso para vítima em menos de um dia. A escolha pelo suicídio já era uma prerrogativa citada por Vargas em diversas momentos de sua vida como descreve Lira Neto:

Em se tratando de Getúlio, há um histórico de bilhetes, anotações e cartas que não pode ser desprezado. Quando confrontado situações-limite, já dera sinais de que a hipótese da autoimolação seria, no seu entender, a única forma de responder com alguma decência aos agressores. Por mais de uma ocasião deixara evidente que jamais aceitaria conviver com o estigma da infâmia e da traição. Não se tratava da ideia fixa de um homem depressivo. Para Getúlio, a possibilidade do sacrifício pessoal era relacionada a uma questão de brio, de preservação da honra, de um sentido heroico de posteridade. (NETO, 2014, p. 12)

Vargas deixou um legado enorme, legado no qual é reivindicado por diversos grupos políticos ao longo da história contemporânea do Brasil, a imagem pessoal de Getúlio está presente em todos os setores da vida pública do país, as empresas públicas criadas durante seus governos foram e são muito importantes para o Brasil.

Vargas sonhava com a emancipação econômica do país, por vezes muitos dos seus atos eram comparados com atos socialistas e até mesmo comunistas, porém Vargas não

se encaixava em nenhuma das denominações a ele direcionada, Getúlio era altamente inteligente sabia agradar a todos, porém no fim dos seus dias talvez pelo desgaste político de sua imagem já não aspirava mais a velha pose de querido pelo povo.

O combate se comporta durante os anos de 1951 até 1954 de forma ambígua, logo após a posse de Vargas o periódico o exalta, por vezes até insinua que o país voltaria ao seu período áureo, a partir do momento de instalação de crise no governo Vargas o jornal começa a se posicionar de forma contrária, porém diferente de outros jornais ele não assume o caráter de ataque contínuo.

Durante o ano de 1954 ele assume a tônica dos vespertinos cariocas, porém as matérias que criticam o governo sempre são assinadas por editores independentes ou mesmo apenas reproduções de matérias de outros jornais da capital federal.

#### **4.4 Consequências do Suicídio de Vargas**

A historiadora Maria Celina Soares D'Araújo (ANO) escreveu em seu texto “*O suicídio de Vargas e suas consequências a curto e longo prazo*” que o embrião para o golpe militar de 1964, nascerá ali, porém este embrião não consegue se desenvolver devido o sumiço da figura de Vargas da política nacional, e pelo fato de não existe ainda um ponto de coesão entre os militares e o setor civil, ao mesmo tempo em que era ensaiado esse golpe que podemos também intitular de pré-golpe, o que acaba por não reúne todos os aparatos para se tornar golpe.

A autora ainda elenca às consequências a curto prazo ou sejam as consequências imediatas ao suicídio de Getúlio é o adiamento do confronto entre os grupos conservadores e reformistas, em uma situação de crise instalada geralmente os grupos com maior poder tentam assumir o comando mesmo que sem legitimidade,

No longo prazo temos o que ela diz de deslocamento da luta política mais eleitoral para o extra eleitoral. Não podemos então acreditar que o suicídio de Vargas tenha adiado o golpe militar-empresarial de 1964, apesar dos agentes que estão por trás do golpe militar, também estarem presente em 1954, estes não são suficientes para articular entre si um projeto de golpe.

Percebemos ao logo deste texto que para compreender o período ditatorial no Brasil é preciso voltar a atenção para esse período, vemos que conseguimos formular ideias

sobre a instalação da ditadura através de observações e análises dos textos publicados sobre este período.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imprensa desde seu surgimento se mostrou como um veículo de informação que além de trazer conteúdo informativo seria responsável por formar a opinião pública, os meios de comunicação interferem no resultado final da opinião popular, os jornais tanto falados como impressos assumiram o caráter de portadores do dever de abrir os olhos da população diante dos desmandos dos governos.

Essa mesma imprensa que informa acaba por moldar o pensamento da sociedade, mesmo diante de diversos jornais que diferenciam entre si, aquele que tem o privilégio de ser o mais bem distribuído e até mesmo mais solicitado, consegue impor sua opinião é o que acontece em meados da década de 50.

Vargas se vê encurralado pela imprensa antigovernista, ele entendia que sem essa mídia ao seu lado seria difícil se manter no poder, por isso mesmo decide financiar o jornal a *Última Hora* de seu amigo Samuel Wainer, o único jornal que dava espaço para que Vargas se defender-se das acusações que lhe eram atribuídas.

A situação ao qual Vargas se insere, me faz lembrar dos dias atuais em que toda a mídia se voltou contra o governo Dilma Rousseff, inclusive um dos interesses em estudar esse tema veio da curiosidade de ver como os meios de comunicação de forma geral conseguem meio que a partir de um consenso, moldar a opinião pública.

O jornal aqui estudado se insere na categoria de formador de opinião local, *O Combate* é um jornal que em seu nome já traz o jargão da luta contra os crimes contra o povo, sempre que quisermos entender a conjuntura da situação de uma crise ou mesmo de algum outro acontecimento podemos recorrer aos periódicos é algo fascinante pois conseguimos observar como a opinião de um determinado grupo consegue convencer milhares de pessoas.

A válvula de escape de Vargas em sua situação de crise foi a escolha do suicídio, porém este escape não reverte a situação de crise pelo menos em planos práticos, na verdade apenas acontece uma reversão no plano simbólico.

Nesse momento toda a imprensa tenta a seu modo se retratar diante do seu público. Essa é uma das primeiras situações na política brasileira em que a imprensa exerce grande papel nos resultados dos acontecimentos, para nós historiadores observar os proprietários e suas ligações políticas nos ajudar a entender as escolhas e prioridades de cada periódico.

Para finalizar conseguimos entender que o jornal *O Combate* apesar de não udenista, se posiciona na mesma linha dos demais jornais da época, mesmo que com reproduções mais leves e não totalmente direcionadas ao governo federal. Este periódico se ocupava mais em provocar o governo estadual, porém isto não o excluí do cerco de fogo que cobriu o governo Vargas.

## REFERÊNCIAS

Periódicos.

O Combate – “A vida é combate...”

ALMEIDA, Monica Piccolo; SULIDAD, Mariana da. **Maranhão Republicano em foco:** estado, imprensa e historiografia. São Luís – MA: Editora Shalom/EDUEMA, 2015.

ALMEIDA, Monica Piccolo; ORMRAN, Muna. **Imprensa, cinema e história:** novos objetos e métodos da investigação histórica. São Luís – MA: Editora Shalom/EDUEMA, 2015.

BARBOSA, Rui. **A imprensa e o dever da verdade.** São Paulo: Editora Papagaio, 2004.

BELOCH, Israel. Historiografia e Fontes para o Estudo do Período 1929-1954. In; SZMRECSÁNYI, Tamás; GRANZIERA, Rui G. (Org.). **Getúlio Vargas e a economia contemporânea.** 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; São Paulo, SP: Editora HUCITEC, 2004.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia.** São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1997.

BUZAR, Benedito. **O Vitorinismo Lutas Políticas no Maranhão de 1945 a 1965.** São Luís, MA: LITHOGRAF, 1998.

CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Ligia. **O Bravo Matutino, imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo.** São Paulo: Alfa e Ômega, 1980.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil.** São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamorion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

COSTA, Wagner Cabral da. **Sob o signo da morte: O poder oligárquico de Victorino a Sarney.** 2006. 284f. Dissertação – Universidade Federal do Maranhão, São Luís. 2006.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. NA OFICINA DO HISTORIADOR: CONVERSAS SOBRE HISTÓRIA E IMPRENSA. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p.253-270, dez.2007 Disponível em: <http://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume35/ATT06511.pdf>. Acesso em: outubro, 2016.

D'ARAÚJO, Maria Celina Soares. **O Segundo Governo Vargas (1951-1954)**. São Paulo: Ática, 1992.

D'ARAÚJO, Maria Celina (org.). *As instituições brasileiras da Era Vargas*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Editora da USP; Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1997.

JORGE, Sebastião. *Os primeiros passos da imprensa no Maranhão*. São Luís: Edit.UFMA, 1987.

LAMARÃO, Sergio. *Acampanha eleitoral de 1950: Vargas volta ao poder*. CPDOC, sem data.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MAZINI, André. **A história da imprensa no contexto da historiografia brasileira**. Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados - MS, vol. 01, n. 02 – edição especial, p. 297-304, novembro 2012.

NETO, Lira. **Getúlio: Da volta pela consagração popular ao suicídio (1945-1954)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930). *Historiae*, Rio Grande, 2 (3): 125-142, 2011.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo. **Gênese da imprensa no Maranhão nos séculos XIX e XX**. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, PósCom-Methodista, a. 29, n. 49, p. 43-64, 2º sem. 2007.

SILVA, Hélio. *1945: por que depuseram Vargas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

SILVA, Adriano Negreiros da. A construção discursiva-imagética de José Sarney nas charges da imprensa de São Luís na ditadura empresarial-militar (1964-1974). In: PICOLLO, Monica; SULIDAD, Mariana da (Orgs). **Maranhão Republicano em foco: Estado, Imprensa e Historiografia**. São Luís: Editora Shalom/EDUEMA, 2015.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: De Getúlio a Castello (1945-1964)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOUSA, Lucimar Carvalho. **Os pasquins em São Luís na primeira metade do Século XIX**. 2006. 52f. Monografia (Especialização em História do Maranhão) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.



SZMRECSÁNYI, Tamás e GRANZIERA, Rui G. **Getúlio Vargas e a economia contemporânea**. Campinas, SP: HUCITEC, 2004.

ZICMAN, René Barata. **História através da imprensa – algumas considerações metodológicas**. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUCSP*. São Paulo: PUCSP, n. 4, 1985.